

# Formulário para a patrimonialização da língua Salamã

Baseado no levantamento demográfico realizado

por Hein van der Voort

## PARTE I É Formulário do INDL

### Módulo 1

#### Identificação da Pesquisa

Este é o espaço para identificação do proponente, do projeto e de parte dos metadados, ou seja, informações sobre o conteúdo disponibilizado no que diz respeito à sua natureza, fontes, abrangência e metodologia de levantamento. Este módulo não corresponde propriamente a um tema de pesquisa, mas nele estão contidas questões preliminares sobre o modo como a pesquisa foi organizada, além de um conjunto de informações preliminares para informar aos leitores sobre sua natureza.

#### 1. Dados do proponente

Nos campos a seguir, preencha com os dados do responsável pelo inventário: nome da instituição e seu endereço, nome do(s) responsável/veis pela pesquisa, formas de contato (da instituição e do responsável, se possível), o tipo de instituição e as credenciais da equipe, ou seja, um conjunto de informações básicas sobre a experiência dos membros da equipe, sua experiência com a(s) língua(s) inventariada(s) com a(s) comunidade(s) linguística(s) em questão e outras pesquisas correlatas.

Nome da Instituição	Museu Paraense Emílio Goeldi
Nome do responsável pela instituição	Dra. Ana Luisa Albernaz Diretora do Museu Paraense Emílio Goeldi
Endereço da Instituição	Parque Zoobotânico: Av. Magalhães Barata, 376 CEP 66040-170, Belém, PA Campus de Pesquisa: Av. Perimentral, 1901, Terra Firme CEP 66077-830, Belém, PA
Nome do responsável pela pesquisa	Hendrikus (Hein) G.A. van der Voort
Contatos (e-mail e telefone) do responsável pela pesquisa	<a href="mailto:hvoort@museu-goeldi.br">hvoort@museu-goeldi.br</a> [telefone anonimizado] [telefone anonimizado]
Tipo de Instituição (Utilize a tabela de códigos a seguir para indicar o tipo de instituição)	[4]

Tabela de códigos - Tipos de Instituição	
[1] Associação/Representação de falantes	[6] Instituição Pública Municipal
[2] Terceiro Setor	[7] Ponto de cultura ou similar
[3] Instituição Privada	[8] Instituição Religiosa
[4] Instituição Pública Federal	[9] Fundação
[5] Instituição Pública Estadual/Distrital	[10] Outra ( <i>especificar</i> )

## Credenciais da equipe

Dr. Hendrikus Gerardus Antonius van der Voort, *nom de plume* Hein van der Voort, doutorado em 2000 pela Universidade de Leiden (Leiden, Países Baixos), CV Lattes <<http://lattes.cnpq.br/8723849507527234>>, tem extensa experiência com descrição linguística, tendo trabalhado desde 1995 com várias línguas indígenas brasileiras diferentes, sobre as quais publicou artigos e livros. Sua experiência maior é com as línguas isoladas de Rondônia, sobretudo o Kwazá, mas também com Aikanã e Kanoé, da mesma região. Além disso, trabalhou intensivamente com as línguas Arikapú e Djeoromitxí, que pertencem à família Macro-Jê. Por final, tem realizado documentação limitada de algumas outras línguas de Rondônia: Latundê (uma língua da família Nambikwara) e Wayoró, Tuparí, Makuráp, Akuntsú e Salamã (todas da família Tupí). Além destas línguas, o Dr. van der Voort também trabalhou com falantes de línguas de outras partes do mundo, sobre as quais publicou também. O Dr. van der Voort sempre considerou aspectos sociolinguísticos, históricos e antropológicos das comunidades de falantes de todas estas línguas e é coordenador de um projeto de documentação abrangente de língua e cultura Aikanã e Kwazá, financiado pela Fundação Volkswagen, dentro do programa alemã DobeS (Descrição de Línguas Ameaçadas).

[Observações: (1) Ao longo do formulário eu (Hein van der Voort) criei às vezes minhas próprias observações, indicado em itálico como *Obs. HV: ....*; (2) Minhas referências a subseções deste formulário sempre começam com o número do módulo, ou seja, a presente seção é 1.1.]

## 2. Identificação da pesquisa

### 2.1 Nome de identificação da pesquisa

Identifique no campo abaixo a pesquisa. Sugere-se nomear o projeto a partir da identificação da língua, da comunidade linguística ou de uma região multilíngue. Por exemplo, "Inventário da língua juruna", "Inventário da região do lavrado de Roraima", etc.

Inventário da Língua Salamã

### 2.2 Objetivo da pesquisa

Nos campos abaixo, indique o objetivo da produção de conhecimento apresentada através deste formulário, assim como a(s) língua(s) correspondente(s) cuja inclusão no INDL é solicitada.

<input checked="" type="checkbox"/> Produção de conhecimento para inclusão no INDL	De qual/quais língua(s)? Salamã
<input type="checkbox"/> Produção de conhecimento de língua já incluída no INDL	De qual/quais língua(s)?
<input type="checkbox"/> Outro. Explique:	Qual? Sobre qual/quais língua(s)?

### 2.3 Identificação e síntese da(s) língua(s)

Faça um breve texto descritivo, contendo uma síntese de informações e dados levantados durante a pesquisa sobre as línguas inventariadas, como, por exemplo, nome da língua, região de origem, localidades onde a língua é falada, número estimado de falantes, etc. Crie um novo campo para cada língua inventariada.

Nome da língua:

Salamã

Síntese:

A língua Salamã é uma língua da família Mondé, tronco Tupí, lembrada por 2 senhoras idosas: Dona Maria Campés na cidade Porto Velho e Dona Peridalva Aikanã na T.I. Tubarão-Latundê. Possivelmente não há mais falantes fora dessas duas senhoras. A população étnica Salamã é dispersada pelo estado de Rondônia e é estimada em algumas fontes a

aproximadamente 10 pessoas. Alguns descendentes dos Salamãis moram nas cidades Porto Velho e Guajará-Mirim, alguns se juntaram com os Cassupá (subgrupo dos Aikanã) na Comunidade Indígena Cassupá e Salamãis no km 5,5 em Porto Velho, e alguns moram na T.I. Sagarana onde são registrados como Aruá (v. seção 3.3.2).

Os Salamãis moravam tradicionalmente na região entre as cabeceiras do rio Barão de Melgaço e o médio rio Pimenta Bueno ou Apeidiá, no sudeste do Estado de Rondônia. Os povos vizinhos tradicionais eram os Aikanã (ou Massaká, Kassupá, Huarí, Mondé e Tubarão, de língua isolada), Kwazá (ou Koaiá, língua isolada), Kanoê (língua isolada), Kepkiriwat (língua Tupi extinta) e povos Nambikwara.

O nome Salamãis é a autodenominação (Castro Faria 2001) e é encontrado pela primeira vez em 1913, como Chamein (Anônimo 1916). Os Salamãis são conhecidos também por alguns outros nomes. O nome Mondé (em ortografia variável) é um nome pessoal Salamãis de um líder de um subgrupo misto Salamãis com Aikanã (igual Tubarão, que é uma corruptela do nome Gubaløum também nome pessoal Salamãis de um líder de um subgrupo misto Salamãis com Aikanã). Um outro nome encontrado na literatura é Sanamãika, que é provavelmente derivado da autodenominação. Não deve-se confundir o nome dos Salamãis com Salumã, nome antigo dos Enawenê-nawê (povo de língua Arawak em Mato Grosso).

[*Observação:* Referências bibliográficas estão listadas no final do formulário.]

### 3. Escopo do inventário

Selecione a opção quanto ao Escopo do Inventário. O inventário básico contém o mínimo necessário para a inclusão no INDL. O inventário amplo contempla produções de conhecimento mais abrangentes sobre uma ou mais línguas. Ambas as possibilidades de inventários possuem a mesma natureza de produtos (formulário, relatório e acervo digital).

- Inventário básico  
 Inventário amplo

### 4. Documentação de Anuência

#### 4.1 Anuência à pesquisa

Anexe documentação comprobatória de anuência da comunidade linguística para a realização da pesquisa. Se o proponente for uma organização com representantes da própria comunidade, esse é o espaço para que isso seja informado. Se o proponente for organização de fora da comunidade, faz-se necessária a anexação de documentação impressa ou audiovisual conforme normatização pertinente (consultar Seção 4.2, Volume I do Guia, para obter informações sobre anuências". O Suplemento Metodológico traz exemplos de documentação de anuência.

Anexar/Fazer upload de arquivos(s)

[Observação: inclusão de arquivo de som sob o nome 01.4.1 e 1.4.2 anuencia e reconhecimento Peridalva 2018ö. Esta gravação combina a anuência da pesquisa com o pedido de reconhecimento, seguindo uma entrevista em março de 2018 com Dona Peridalva Aikanã, uma das duas últimas pessoas que ainda lembram palavras e expressões da língua Salamãis. Dona Peridalva é do povo Salamãis, e, de acordo com a tradição (Becker-Donner 1955:294), tem dois nomes indígenas: Wanzerip, dado pelo pai, e Mãreøum, dado pela mãe. Ela tem pelo menos 85 anos, e desde aproximadamente 15 anos de idade deixou a comunidade Salamãis, para trabalhar nos seringais e fazendas. Foi casada jovem com um pajé do povo Kwazá. Mas tarde ela casou se com um homem Aikanã, Sr. Anísio Aikanã (falecido há aproximadamente 10 anos). Ela fala fluentemente Aikanã e o Português local e lembra um pouco de Kwazá e da língua da sua infância, o Salamãis. D. Peridalva nunca teve filhos, mas criou durante a sua vida vários crianças orfãs ou doadas, entre eles o Luzeu Aikanã (atual presidente da associação indígena 0Masakaö e

professor na aldeia Gleba). D. Peridalva é analfabeta e devido à sua idade está perdendo a audição e a visão, mas está altamente lúcida. Por causa da dificuldade que meu colega Joshua Birchall e eu tivemos em explicar para ela o objetivo da pesquisa, do INDL e da anuência, o filho criado Luzeu explicou a minha proposta na língua Aikanã. Depois disso, D. Peridalva autorizou também em Português o registro da gravação de palavras (anexado como õII palavras Salamã Peridalva 2018ö) e concordou com a inclusão da língua no INDL.]

#### 4.2 Pedido de reconhecimento

Anexe documentação (escrita ou audiovisual) em que a comunidade manifeste petição ou concordância para a inclusão da língua no INDL.

*Anexar/Fazer upload de arquivos(s)*

[Observação: inclusão de arquivo de som sob o nome õ1.4.1 e 1.4.2 anuencia e reconhecimento Peridalva 2018ö (veja o texto explicativo na seção 1.4.1 imediatamente acima).]

### 5. Avaliação sobre as informações fornecidas

Neste item, espera-se que os proponentes realizem uma autoavaliação das informações que inscreverem no formulário quanto à abrangência e à natureza dos dados, além de fornecer informações sobre fontes e escopo das pesquisas. Demais informações e aprofundamentos sobre metodologia e execução das pesquisas devem ser fornecidas no relatório de pesquisa – sugere-se que as equipes indiquem nos campos de observação do formulário em qual seção do seu relatório estão disponíveis tais dados ( para mais informações sobre fontes, abrangência e técnicas de produção de dados, consultar o Volume I do Guia).

#### 5.1 Fontes dos dados

As perguntas deste item dizem respeito às fontes de dados utilizadas pela pesquisa, isto é, se houve trabalho em campo para geração de dados originais e/ou atualização de dados secundários.

- Houve pesquisa de campo para a produção de dados originais?

Marque com um X a opção adequada.

Sim

Não

- Quais dados do formulário foram produzidos e/ou atualizados em campo?

Liste os itens do formulário para os quais houve produção de dados originais em campo. Ex.: Módulo Identificação e caracterização da língua de referência – 5.2 Caracterização das línguas e variedades identificadas; Módulo Diagnóstico

sociolinguístico – 1. Falantes; 2. Aquisição; 3. Transmissão.

- falantes  
- aquisição  
- transmissão  
- amostras de uso

- Com relação aos dados secundários, explique sumariamente:

Preencha com as informações requeridas.

Quais tipos de dados foram atualizados em campo?	- falantes - aquisição - transmissão
Para quais tipos de dados houve pouca ou nenhuma atualização?	- amostras de uso

#### 5.2 Fonte das informações do formulário

Os itens a seguir servem para identificar o modo como o levantamento da população da comunidade e do número de falantes foi realizado e como os tipos de falantes foram definidos em cada pesquisa.

- Como foi feito o levantamento da população da comunidade?

Selecione uma das opções. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento ou estimativa no quadro de observações.

- levantamento populacional total
- estimativa por amostragens
- estimativa por dados secundários
- outros

Observações:

Visitei as duas últimas semi-falantes da língua Salamã. Não foi feito um levantamento completo da população étnica Salamã, que costume a ser estimada a aproximadamente 10 indivíduos. Este número pode ser um pouco maior, porque várias famílias foram espalhados em fazendas e cidades no estado. A população da Comunidade Indígena Cassupá e Salamã, em Porto Velho, km 5,5, é estimada em 100 pessoas, mas a grande maioria se identifica como Cassupá.

▪ Como o número de falantes foi obtido?

Selecione uma das opções abaixo. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento ou estimativa no quadro de observações.

- levantamento populacional total
- estimativa por amostragens
- estimativa por dados secundários
- outros

Observações:

Visitei as duas últimas semi-falantes da língua Salamã.

▪ Como foram aferidos os tipos de falantes?

Selecione uma das opções abaixo. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento realizado para aferir tipos de falantes no quadro de observações.

- testes de proficiência
- autodeclaração
- pesquisador falante
- conhecimento geral de pessoa chave
- outros

Observações:

### 5.3 Aprofundamento das informações

Listar as principais áreas do formulário que necessitam de aprofundamento de informações, referenciando o item do formulário correspondente. Neste espaço, os proponentes são convidados a fazer uma autocrítica e informar quais campos do formulário necessitam de pesquisas mais detalhadas e aprofundadas.

Item	Especificar necessidade de aprofundamento
5.2	Várias vezes desde 1996 fiz gravações com D. Peridalva e uma vez em 2001 com D. Maria. Seria bom incluir esses também no anexo, mas não cheguei a pedir de autorização para isso.

## 6. Identificação da área de abrangência da pesquisa

Neste item, é identificada a área de abrangência da pesquisa, contemplando sua denominação, sua delimitação geográfica e sua abrangência em relação aos países, estados, municípios e Terras Indígenas (quando for o caso) que a compõem (consultar Seções 4 e 5 do Volume I do GUIA para questões sobre territorialidade e delimitação geodemográfica da pesquisa).

### 6.1. Nome para identificação da área de abrangência da pesquisa

Exemplos: "Território da Língua Guarani Mbya"; "Comunidade Pomerana do Espírito Santo", etc.

Terra Indígena Tubarão-Latundê
Terra Indígena Sagarana
Comunidade Indígena Cassupá e Salamã
Cidade de Porto Velho
Cidade de Guajará-Mirim

### 6.2 A área de abrangência da pesquisa foi escolhida com base:

Assinale a alternativa adequada.

<input type="checkbox"/> num recorte limitado das localidades de ocorrência de uma única língua (inventário por língua)
<input type="checkbox"/> na totalidade das localidades de ocorrência de uma única língua (inventário por língua)
<input checked="" type="checkbox"/> numa região com várias línguas (inventário regional)

### 6.3 Delimitação da abrangência da pesquisa

Identifique e nomeie países, estados, municípios, Terras Indígenas e Territórios Quilombolas (quando for o caso) abrangidos pela pesquisa em questão.

	Quantos?	Quais?
Países	1	Brasil
Estados	1	Rondônia
Municípios	3	Chupinguaia Guajará-Mirim Porto Velho
Terras Indígenas	3	Terra Indígena Tubarão-Latundê Terra Indígena Sagarana Comunidade Indígena Cassupá e Salamã
Territórios Quilombolas	0	

### 6.4 Identificação das localidades de pesquisa

No quadro a seguir, utilize linhas diferentes para cada localidade dentro da área de abrangência da pesquisa. Informe o nome da localidade em português, se houve visita *in loco* pela pesquisa (ou seja, se houve trabalho de campo naquela localidade), as coordenadas geográficas correspondentes para cada localidade, a localização geográfica e as línguas faladas na localidade junto com o número **estimado** de falantes por língua [inventários amplos]. Utilize quantas linhas forem necessárias para acrescentar mais línguas.

[Obs. HV: somente falantes fluentes e razoáveis]

Nome da localidade	Visita <i>in loco</i> pela pesquisa?	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade	Línguas identificadas na localidade	Número de falantes por língua identificados pela pesquisa

T.I. Tubarão- Latundê	[ X ] sim [ ] não	12°30' S (Lat. (X)) 60°45' O (Long. (Y))	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Chupinguaia	[ ] Urbano [ X ] Rural	[ ] Unidade de conservação ambiental [ X ] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio funditário [ ] Sem estatuto jurídico especial	Aikanã	156
						Kwazá	15
						Latundê	20
						Mamaindê	4
						Manduca	1
						Negarotê	2
						Tawandê	1
						Salamã	1
						Tuparí	1
Português	240						
T.I. Sagarana	[ X ] sim (em 2004) [ ] não	11°54' S (Lat. (X)) 64°59' O (Long. (Y))	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Guajará- Mirim	[ ] Urbano [ X ] Rural	[ ] Unidade de conservação ambiental [ X ] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio funditário [ ] Sem estatuto jurídico especial	Wariø	190
						Português	270
Porto Velho	[ X ] sim [ ] não	8°47' S (Lat. (X)) 63°52' O (Long. (Y))	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Porto Velho	[ X ] Urbano [ ] Rural	[ ] Unidade de conservação ambiental [ ] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio funditário [ ] Sem estatuto jurídico especial <i>[Obs. HV: capital do estado]</i>	Salamã	1
Comunidade Indígena Cassupá e Salamã	[ X ] sim [ ] não	8°47' S (Lat. (X)) 63°50' O (Long. (Y))	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Porto Velho	[ X ] Urbano (periférico) [ ] Rural	[ ] Unidade de conservação ambiental [ X ] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio funditário [ ] Sem estatuto jurídico especial	Aikanã	1
						Português	+/- 100

➤ *Se houver interesse, preencha o formulário de cadastramento para as demais línguas que foram identificadas na área de abrangência de pesquisa, mas que não são objetos desse levantamento.*

### 6.5 Área(s) focal(is) da pesquisa

Se o inventário delimitou uma ou mais áreas focais de pesquisa, identifique-as no quadro abaixo (preencha um quadro para cada área focal delimitada pelo inventário).

Denominação da área focal	
Localidades circunscritas à área focal	
Motivações Por quais razões o inventário delimitou essa área focal? Que tipos de questões de	
Que tipos de pesquisa ela serviu para responder?	

### 6.6 Mapa(s)

Anexe / faça o upload de mapas que representem a área de abrangência da pesquisa

Anexar arquivos ao formulário impresso / Fazer upload de arquivo(s)

[Observação: inclusão de arquivos sob o nome 01.6.6 etc.ö]

## Módulo 2

### Caracterização Territorial

Este módulo do formulário do INDL abrange a identificação dos lugares onde é falada a língua de referência, bem como a delimitação e caracterização do território dessa língua. Além das informações do formulário, as principais localidades de ocorrência da língua também devem ser objeto de documentação audiovisual através da produção de fotos e vídeos. Lembre-se de que a partir desse módulo, os proponentes dos inventários regionais deverão preencher um formulário para cada língua de referência.

#### 1. Identificação das localidades onde a língua é falada

Neste espaço, serão identificadas as localidades de ocorrência da língua de referência, dentro da área de abrangência da pesquisa, além daqueles onde a língua ocorre fora da área levantada pela pesquisa.

[Obs. HV: Qual é a definição de área levantada pela pesquisa? Essa definição inclui a exigência que o pesquisador tenha visitado pessoalmente o local, tirado fotos, feito gravações? Pode ser um local não visitado de onde vieram gravações? Pode ser um local levantado em base de conhecimentos de terceiros (p.ex. um assistente indígena)]

##### 1.1 Localidades de ocorrência da língua fora da área de abrangência da pesquisa

Assinale a opção adequada. Caso confirme a existência de localidades onde haja falantes da língua de referência fora da área de abrangência da pesquisa e tais localidades sejam conhecidas, preencha o quadro em 1.1.1 (somente preencha o quadro 1.1.1 se estiver seguro das informações fornecidas).

- Existem localidades onde há falantes da língua de referência, mas que estão fora da área de abrangência da pesquisa?

[Obs. HV: Isso depende da definição de área de abrangência da pesquisa (veja também observação acima)]

Sim

Não

##### 1.1.1 Identificação de localidades de ocorrência da língua conhecidos fora da área de abrangência da pesquisa.

Nome da localidade em Português	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade
	_____ (Lat. (X))  _____ (Long. (Y))	País:  Estado:  Município:	<input type="checkbox"/> Urbano  <input type="checkbox"/> Rural	<input type="checkbox"/> Unidade de conservação ambiental <input type="checkbox"/> Terra Indígena <input type="checkbox"/> Território Quilombola <input type="checkbox"/> Localidade de litígio fundiário <input type="checkbox"/> Sem estatuto jurídico especial

##### 1.2 Localidades de ocorrência da língua na área de abrangência da pesquisa

Preenchimento automático da(s) localidade(s) de ocorrência da língua de referência conforme listados no Item 6.4 do Módulo de Identificação da Pesquisa (para a versão impressa, copie e cole na tabela abaixo as localidades

onde foi identificada a língua de referência). Para inventários amplos, solicita-se o preenchimento do nome de cada localidade na língua de referência (quando houver).

Selecione, no espaço apropriado, as localidades que fazem parte da área correspondente à **comunidade de referência** da língua. Se a pesquisa não fez uma distinção entre comunidade linguística e comunidade de referência, todas as localidades deverão ser selecionadas. Compreende-se a comunidade de referência como os grupos sociais com os quais o inventário teve maior interação, resultando em ações de mobilização social e produção de conhecimentos mais consistentes. Conferir Volume I, seção 4, do Volume, para obter maiores detalhes sobre essas noções.

**[Obs. HV: devido a ambiguidades e circularidades não resolvidas na terminologia envolvida tomei a seguinte decisão:**

**- òcomunidade linguísticaö = òcomunidade de referênciaö = todos os membros da etnia Salamãï + falantes do Salamãï em todos os locais.]**

Nome da localidade em Português	T.I. Tubarão-Latundê
<u>Nome da localidade da língua de referência</u>	T.I. Tubarão-Latundê
Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua?	[X] Sim [ ] Não
Você considera que a língua está em risco nessa localidade?	[X] Sim <b>[Obs. HV: Com somente 1 falante]</b> [ ] Não
Nome da localidade em Português	T.I. Sagarana
Nome da localidade da língua de referência	T.I. Sagarana
Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua?	[X] Sim [ ] Não
Você considera que a língua está em risco nessa localidade?	[ ] Sim [X] Não <b>[Obs. HV: Não está falada nesta localidade.]</b>
Nome da localidade em Português	Comunidade Indígena Cassupá e Salamãï
Nome da localidade da língua de referência	Comunidade Indígena Cassupá e Salamãï
Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua?	[X] Sim [ ] Não
Você considera que a língua está em risco nessa localidade?	[ ] Sim [X] Não <b>[Obs. HV: Não está falada nesta localidade.]</b>
Nome da localidade em Português	Porto Velho
Nome da localidade da língua de referência	Porto Velho
Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua?	[X] Sim [ ] Não
Você considera que a língua está em risco nessa localidade?	[X] Sim <b>[Obs. HV: Com somente 1 falante]</b> [ ] Não
Nome da localidade em Português	Guajará-Mirim
Nome da localidade da língua de referência	Guajará-Mirim
Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua?	[X] Sim [ ] Não
Você considera que a língua está em risco nessa localidade?	[ ] Sim [X] Não <b>[Obs. HV: Não está falada nesta localidade.]</b>

## 2. Caracterização do território da língua

### 2.1 Padrão de distribuição geográfica das localidades de ocorrência da língua

- Com relação à população falante da língua

Marque no quadro abaixo a opção adequada com relação à distribuição geográfica dos falantes da língua de referência.

- [ ] Concentrada em uma área geográfica  
[X] Dispersa em áreas geográficas descontínuas

- Com relação ao padrão de residência em locais urbanos

Para cada linha, marque a opção adequada com relação à distribuição geográfica dos falantes da língua de

referência em relação aos espaços rurais e urbanos.

<input checked="" type="checkbox"/> A comunidade linguística é <b>majoritariamente rural</b> e há <b>poucos falantes</b> em áreas urbanas
<input type="checkbox"/> A comunidade linguística é <b>majoritariamente rural</b> , mas há <b>muitos falantes</b> em áreas urbanas
<input type="checkbox"/> A comunidade linguística é majoritariamente urbana
<input type="checkbox"/> Há um movimento crescente de migração dos falantes para áreas urbanas
<input checked="" type="checkbox"/> Não há movimentos significativos de migração dos falantes para áreas urbanas

## 2.2. Caracterização da área da comunidade de referência da língua

Para todas as localidades na área da comunidade de referência, preencha as informações do quadro abaixo. Utilize um quadro para cada localidade. Utilize o mesmo nome para a localidade que foi utilizado no quadro 6.4 do módulo de identificação da pesquisa.

<b>Nome da Localidade</b>	T.I. Tubarão-Latundê
<b>Demografia</b> Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a proporção do número de falantes vs. de não falantes (incluindo os que não se identificam com a língua de referência)	<input type="checkbox"/> População de falantes da língua é majoritária <input type="checkbox"/> População de falantes da língua é minoritária <input checked="" type="checkbox"/> População de falantes e não falantes é equilibrada ( $\pm$ 50% para cada)
<b>Temporalidade</b> Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre o tempo em que a comunidade linguística da língua de referência vive nesta localidade	<input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 25 anos <input checked="" type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 50 anos e mais de 25 anos <i>[Obs. HV: a T.I. foi aberta em 1973, mas faz parte de uma região onde moravam os Salamãis desde tempos imemoriais]</i> <input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 75 anos e mais de 50 anos <input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 100 anos e mais que 75 anos <input checked="" type="checkbox"/> A comunidade reside há mais de 100 anos <i>[Obs. HV: a população mora desde 1973 na T.I., que faz somente uma parte pequena do território original.]</i>
<b>Infraestrutura</b> Marque um "x" nas respostas ao lado (pode escolher mais de uma). Não responda se a localidade for urbana.	<input checked="" type="checkbox"/> Possui rede de eletricidade <input checked="" type="checkbox"/> Possui atendimento permanente de saúde <input checked="" type="checkbox"/> Fácil acesso por meios de transporte a centros urbanos
<b>Economia</b> Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a fonte de renda/recursos das pessoas que vivem nesta localidade	<input checked="" type="checkbox"/> A população depende basicamente de recursos e/ou empregos locais <input checked="" type="checkbox"/> A população depende largamente de fontes de renda oriundas de outros locais
<b>Observações:</b> As outras localidades mencionados estão longe to território tradicional dos Salamãis. Há uma falante na cidade de Porto Velho. Há pessoas dispersadas que se identificam étnicamente como Salamãis mas não falam a língua, nas cidades de Porto Velho e Guajará-Mirim, na T.I. Sagarana, e na Comunidade Indígena Cassupá e Salamãis. Em nenhum desses lugares a população reside mais de 100 anos.	

### 2.2.1 Síntese das características da área da comunidade de referência da língua

Sintetizar as características sociais, culturais, geográficas, ecológicas e econômicas da área ocupada pela comunidade de referência da língua para a pesquisa. Ressalte quaisquer fatores de ameaça que possam colocar em risco os grupos sociais que vivem na área pesquisada. Caracterize as localidades de forma apropriada, buscando ressaltar as semelhanças e diferenças entre elas. Se área de pesquisa for muito diversificada, caracterize essa diversidade.

#### Características sociais

Tem cinco locais da comunidade de referência: a T.I. Tubarão-Latundê, a T.I. Sagarana, a Comunidade Indígena Cassupá e Salamã, a cidade de Porto Velho e a cidade de Guajará-Mirim. Em todos esses lugares, os Salamã são descendentes de uma população que já estava minoritária e mista com outros povos, principalmente os Aikanã.

Os contatos com a cultura ocidental mudaram muito a vida de todos os povos do sudeste de Rondônia. Desde então trabalhavam em seringais sob condições de semi-escravidão, e a partir dos anos 1960 também em fazendas. Atualmente a parte conhecida da população vive predominantemente em terras indígenas.

Os Salamã étnicos não constituem um povo unificado, mas o estabelecimento da Comunidade Indígena Cassupá e Salamã, a 5,5 km da cidade de Porto Velho pode ser um sinal de mudança nesse respeito. A língua, porém, está dormente e em alto perigo de ficar extinto.

#### Características geográficas

A T.I. Tubarão-Latundê está na margem direita do rio Pimenta Bueno na altura das cabeceiras, e está conectada com a cidadezinha Chupinguaia por 10 km de estrada de chão e com as cidades de Vilhena e Pimenta Bueno a uma distância de 150 km de rodovia asfaltada na RO-391 e BR-364. Existe serviço precário de ônibus a uma distância de 10 km.

A T.I. Sagarana está na margem direita do rio Guaporé, e poucos quilômetros acima da foz onde cai no Mamoré. A T.I. é perto da cidadezinha chamada Surpresa (mencionada nas mapas como Rodrigues Alves). A T.I. é adjacente à T.I. Rio Guaporé rio acima.

A Comunidade Indígena Cassupá e Salamã, é localizada na margem da rodovia BR 364, a 5,5 km da cidade de Porto Velho.

A cidade Porto Velho é o capital do estado e Guajará-Mirim é um centro urbano regional.

#### Características ecológicas

Todas as localidades estão dentro do bioma amazônico. Nos meses outubro até maio há períodos de chuva intensos. Entre junho e setembro é a estação da seca, com períodos de friagem (com temperaturas que chegam abaixo de 10 graus Celsius) geralmente de curta duração.

A T.I. Tubarão-Latundê é caracterizada em sua maior parte por savana e uma menor parte por floresta amazônica. Como vários córregos e suas cabeceiras estão inteiramente dentro da terra, não há poluição por agrotóxicos. Infelizmente, grandes partes do solo são arenosas e pouco férteis.

A T.I. Sagarana é caracterizada em sua maior parte por floresta amazônica. As terras são bastante férteis.

A partir dos anos 1970 Amazônia sofreu o maior desmatamento de todos os tempos no estado de Rondônia. Desde 2000 o desmatamento está chegando perto das terras indígenas, desrespeitando a zona de proteção de terras da União, determinada por lei.

A Comunidade Indígena Cassupá e Salamã e as cidades Porto Velho e Guajará-Mirim são áreas urbanas.

#### Econômicas

Tradicionalmente as comunidades viviam da caça, pesca e da plantação de roça. Desde a entrada dos seringueiros em 1915 ganhavam objetos e comida em troca de trabalho nos seringais e na extração de poaia. Nos anos 1940-1960 uma parte da população foi transferida para postos indígenas na margem direita do rio Guaporé no remoto oeste do estado para ser usado como mão de obra. No final dos anos 1960 uma parte foi transferida para Porto Velho.

Semelhanças e diferenças sociolinguísticas marcantes entre as localidades de ocorrência da

## língua

A falante do Salamã na T.I. Tubarão-Latundê mora entre falantes do Aikanã, Latundê, Kwazá e Português. A falante do Salamã em Porto Velho mora no meio de falantes do Português.

### Síntese das situações de risco para a comunidade linguística e a língua

Salamã é uma língua que pode se caracterizar como adormecida porque não é mais usada. Além disso, as suas duas falantes idosas não dominam mais todos os componentes da língua. A falante na T.I. Tubarão-Latundê lembra talvez 200 palavras. A falante em Porto Velho lembra um pouco mais e ainda consegue formar frases simples. Ambas têm o que parece uma boa pronúncia. Não existe muita documentação da língua e não há estudos abrangentes. A realização de tal trabalho seria muito difícil em base do conhecimento das falantes atualmente conhecidas. O risco é que, quando essas últimas falantes falecem, a língua será irreparavelmente extinta, a não ser que são encontrados mais falantes.

### 2.3 Dados do acervo digital sobre as localidades

Utilize este item para anexar / fazer o upload de arquivos que caracterizem as localidades de ocorrência da língua: fotos, vídeos, mapas de cada localidade, croquis, etc. Para cada upload, é necessário informar do nome da localidade, utilizando o mesmo padrão de apresentação das localidades no item 6.4 do Módulo de Identificação da Pesquisa.

Nome do local	Anexar/ Fazer Upload de dados do acervo digital sobre as localidades
T.I. Tubarão-Latundê	[Observação: inclusão de arquivos sob o nome õ2.2.3 Tubarao etc.õ]
Comunidade Indígena Cassupá e Salamã	[Observação: inclusão de arquivos sob o nome õ2.2.3 Cassupa etc.õ]

### 2.4 Mapa(s) de distribuição geográfica da língua

Apresente um ou mais mapas (esboço, croqui, etc) que represente(m) a distribuição geográfica da língua.

Anexar arquivo(s) ao formulário impresso / Fazer upload de arquivo(s)  
[Observação: inclusão de arquivos sob o nome õ2.2.4 etc.õ]

## Módulo 3

# Comunidade Linguística

## 1. Identificação da comunidade linguística

A comunidade linguística pode ser classificada como:

Selecione a classificação adequada para a comunidade linguística.

<input checked="" type="checkbox"/> Indígena	→ Identificar a(s) etnia(s) Salamã
<input type="checkbox"/> De imigração	→ Identificar país/região de origem
<input type="checkbox"/> Afro-brasileira	
<input type="checkbox"/> Outra. Explique	

[ ] Não-especificada	
----------------------	--

## 2. População da comunidade linguística

### 2.1 População identificada na pesquisa (comunidade de referência)

Informe, em números absolutos, a população de indivíduos da comunidade de referência identificada pela pesquisa.

10
----

### 2.2 Estimativa da população total

Informe, em números absolutos, a(s) estimativa(s) do total de indivíduos da comunidade linguística (da própria pesquisa e/ou outras pesquisas disponíveis).

10
----

## 3. Caracterização da comunidade linguística

Para cada um dos subitens, produza um texto dissertativo que caracterize a comunidade linguística, com base nas questões propostas.

### 3.1 Histórico

Sintetize o contexto histórico da comunidade linguística, ressaltando os seguintes aspectos: **deslocamento geográfico** dos falantes (seu território atual e passado); eventos históricos que levaram os falantes a terem **contato com outras línguas**, além de outros aspectos e situações considerados pertinentes para este campo.

A língua Salamã é lembrada por duas senhoras idosas da etnia de mesmo nome, na T.I. Tubarão-Latundê e na cidade de Porto Velho. Os Salamã moravam tradicionalmente na região entre as cabeceiras do rio Barão de Melgaço e a banda direita do médio rio Pimenta Bueno ou Apediá, no sudeste do Estado de Rondônia. Os povos vizinhos tradicionais eram os Aikanã (ou Massaká, Cassupá, Huarí, Mondé e Tubarão, de língua isolada), Kwazá (ou Koaiá/Coaiá, língua isolada), Kanoê (língua isolada), Kepkiriwat (língua Tupí extinta), e povos Nambikwara.

O nome Salamã é a autodenominação (Castro Faria 2001:150) e foi registrado pela primeira vez em 1913 pela Comissão Rondon, como Charamein (Anônimo 1916:334). Os Salamã (também escrito como Salamãy, Salamay, Salamãe) são conhecidos também por alguns outros nomes. O nome Mondé (também escrito Mundé), registrado por Lévi-Strauss (1955, 1994), é o nome pessoal Salamã de um líder de um subgrupo Salamã. Um outro nome encontrado na literatura é Sanamãika (registrado em Loukotka 1949:75), que é provavelmente derivado da autodenominação. Não deve-se confundir o nome dos Salamã com Salumã, nome antigo dos Enawenê-nawê (povo de língua Arawak em Mato Grosso).

Os Salamã foram caracterizados como um povo pacífico, alegre e sociável (Hanke 1950:214) e aparentemente aberto a contato com outros povos. Rondon considerou eles, igual os õUapurutãö (Aikanã), como um subgrupo dos Kepkiriwat (Anônimo 1916:334), provavelmente por razão dos seus contatos pacíficos com esses grupos. Apesar do intercâmbio com os Aikanã, não está claro se pertenciam ao mesmo "Complexo Cultural do *Marico*" (Maldi 1991). A Dona Peridalva aprendeu tecer o marico, a famosa bolsa de fibras de tucum usado pelos povos desse complexo cultural, com os Aikanã, e confirmou que os Salamã não o faziam.

É provável que os Salamã começaram ser também envolvidos na extração de seringa e outros produtos da floresta a partir dos anos 1920, igual os outros grupos ao longo do rio Pimenta Bueno. Essa primeira época de contato levou a uma grande mortalidade indígena, principalmente pela introdução de doenças contagiosas, como influenza e sarampo, contra os quais os povos indígenas da região não tinham imunidade. Essas epidemias continuaram decimar povos indígenas no sul de Rondônia até nos anos 1980.

Quando o antropólogo Claude Lévi-Strauss (1955) passou pela região em 1938, ele

encontrou uma pequena aldeia etnicamente mista de Mondé na beira do rio Pimenta Bueno, que eram predominantemente Índios Salamã. Era a aldeia Salamã dentro do território dos Aikanã, que os idosos Aikanã localizam um pouco acima do foz do rio Kapasura/Rio do Ouro (Comunidade Aikanã 2010). Lévi-Strauss referiu ao grupo com o nome Mondé mas supôs inicialmente que eram Kepkiriwat (Lévi-Strauss 1948). O outro antropólogo na mesma expedição, o etnógrafo brasileiro Luiz de Castro Faria, notou que Mondé era o nome do líder do grupo (Castro Faria 2001:165) e registrou a autodenominação do grupo como *salamaié* (Castro Faria 2001:150), ou seja -povo Salamã (com o sufixo coletivo -e). De Castro Faria (2001:148-165) inclui uma lista de palavras da língua que são obviamente da mesma língua que as em outras listas de Mondé (Hanke 1950, Xerez 1946) ou Salamã (Becker-Donner 1955, Caspar s.d., Zack 1942), o que comprova a identidade étnica.

Note que as listas de palavras Quêpi-quiri-uatéö coletadas pela Comissão Rondon em 1913 foram publicados somente em 1948 (Rondon & Faria 1948:177-191). A diferença com Salamã estava óbvio para Loukotka (1949), que tratou listas de palavras de Sanamaikãö e Kepkeriwátö em subseções diferentes (v. também Rodrigues 1955:1066 e Caspar 1953:28). Entre o grupo visitado por Lévi-Strauss e Castro Faria estavam também alguns Índios Kwazá (v. van der Voort 2004, 2008).

No final dos anos 1930 a Marcha para o Oeste do governo Getúlio Vargas levou a várias expedições na região, o que resultou em alguns registros de língua e contexto social (Dequech 1988-1993, Zack 1943). Nessa época, o SPI estabeleceu um posto de atendimento no lugar chamado Cascata, no território dos Aikanã no alto rio Pimenta Bueno, onde juntaram membros de vários grupos indígenas (Aikanã, Kanoé, Salamã, Mekens) para trabalhar na borracha.

Nessa mesma época o SPI começou retirar grupos indígenas da região para liberar as terras para seringalistas. Muitos Índios foram levados para o Posto Indígena Ricardo Franco, hoje T.I. Rio Guaporé, centenas de quilômetros para o oeste, na fronteira com Bolívia. Lá foram juntados partes de dez populações étnicas do sul de Rondônia e foram colocados para trabalhar. No caminho, vários fugiram das canoas com quais eles foram deportados e tentaram voltar para suas terras. O processo de levar Índios para Ricardo Franco continuou até os anos 1970, e hoje tem ainda membros de uma família Salamã (sob o nome Aruá, v. seção 3.3.2) na T.I. Sagarana, que é adjacente à T.I. Rio Guaporé. No início dos anos 1950, uma parte dos grupos Salamã e Cassupá (Aikanã) de Ricardo Franco foi mandada para o seringal Ribeirão, ao norte de Guajará-Mirim, enquanto uma parte dos Salamã voltou às suas terras originárias na região do Pimenta Bueno. No final dos anos 1960 os Salamã e Cassupá foram levados de Ribeirão para o terreno da Delegacia do Ministério da Agricultura (DEMA), a 5,5 km da cidade de Porto Velho. Esse terreno foi doado em 2012 aos Índios sob o nome *Comunidade Indígena Cassupá e Salamã* (Silva 2016).

Após o fechamento e loteamento pelo INCRA dos antigos seringais, várias comunidades remanescentes conseguiram reservas indígenas na região de origem. Nos anos 1970 os Aikanã conseguiram segurar uma parte da sua região original, hoje conhecido como a T.I. Tubarão-Latundê. Além de Aikanã e Latundê, a população inclui duas famílias Kwazá e uma pessoa Salamã, a Dona Peridalva. O nome dessa reserva era para identificar os supostos dois povos moradores. É óbvio a qual povo refere o nome Latundê. Porém, o nome Tubarão, que é popularmente usado para os Aikanã, é de fato uma corruptela do nome Gubalum, que é um nome pessoal Salamã de um líder de um subgrupo misto Salamã com Aikanã nos anos 1940 (Dequech 1988-1993, Peridalva c.p.).

### 3.2 Presente

Faça uma síntese sobre a comunidade linguística atualmente, procurando responder às seguintes questões: quem são os falantes da língua de referência? O que os caracteriza em termos sociais e culturais? Como se dá sua relação com grupos sociais vizinhos e com a sociedade brasileira e de países vizinhos como um todo?

A língua Salamã é uma língua da família Mondé, tronco Tupí, lembrada por 2 senhoras idosas: Dona Maria Salamã na cidade Porto Velho e Dona Peridalva Salamã na T.I. Tubarão-Latundê. Possivelmente não há mais falantes fora dessas duas senhoras. A população étnica Salamã é dispersada pelo estado de Rondônia e é estimada em algumas fontes a aproximadamente 10 pessoas. Alguns descendentes dos Salamã moram nas cidades Porto Velho e Guajará-Mirim,

alguns se juntaram com os Cassupá (subgrupo dos Aikanã) na Comunidade Indígena Cassupá e Salamãï no km 5,5 em Porto Velho, e alguns moram na T.I. Sagarana onde são registrados como Aruá. (Essa confusão já existiu nos anos 1940, quando os Tupari no P.I. Ricardo Franco acharam que os recém-chegados Salamãï seriam representantes de um grupo Aruá, por causa de semelhanças na língua (Caspar 1953:55). Note que o Aruá também pertence à família Mondé, tronco Tupí, e alguns falantes moram na T.I. Rio Guaporé vizinha.)

## Módulo 4

# Identificação e Caracterização da Língua de

## Referência

### 1. Denominações

Em cada um dos quadros, inclua as denominações correspondentes para a língua e observações dessas nomeações (caso haja). É interessante que os proponentes dos inventários utilizem-se dos quadros de observações para fazer análises mais detalhadas sobre essas nomeações, discutindo possíveis traduções para os termos, explicando etimologias, identificando termos pejorativos, etc. Compreende-se por **autodenominações** aquelas que a comunidade linguística usualmente utiliza para se referir à língua de referência, o que pode ser diferente da denominação do grupo social. Em **heterônimos** estão contemplados nomes dados por pessoas de fora da comunidade: outros grupos, nomeação acadêmica, etc. As **denominações de ampla circulação** (ou seja, os termos mais comuns usados na sociedade para se referir à língua ou ao grupo social de falantes) e para inclusão no INDL (a ser definida em conjunto com a comunidade) podem coincidir desde que assim deliberado pela comunidade linguística e pelas equipes executoras dos inventários. Em geral, ambas também serão encontradas entre os termos de autodenominação ou heterônimos (consultar Parte 2, seção 3, para mais orientações sobre essa temática).

Autodenominações	Salamãï
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, entre outros.</i>	A etimologia do nome <i>Salamãï</i> é desconhecida. Este nome refere tanto à língua quanto e ao povo em geral. Resumindo da seção 3.3.1, o nome Salamãï é a autodenominação (Castro Faria 2001:150) e foi registrado pela primeira vez em 1913 pela Comissão Rondon, como Charamein (Anônimo 1916:334). Os Salamãï (também escrito como Salamãÿ, Salamay, Salamãe) são conhecidos também por alguns outros nomes.

Heterônimos	Mondé, Sanamãïka
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, entre outros.</i>	O nome <i>Mondé</i> (também escrito <i>Mundé</i> ), registrado por Lévi-Strauss (1955, 1994), é um nome pessoal Salamãï de um líder de um subgrupo misto Salamãï com Aikanã. Atualmente, <i>Mondé</i> ou <i>Mundé</i> é um nome pessoal masculino usado pelos Aikanã e antigamente pelos Salamãï. Quando Lévi-Strauss (1955, 1994) passou pela região em 1938 ele visitou a aldeia de um grupo chamado Mondé, que evidentemente foi um grupo Salamãï (Castro Faria 2001:150, 165). Essa aldeia representava um enclave dos Salamãï dentro do território dos Aikanã. Enquanto os Aikanã usam o nome como nome pessoal, na literatura acadêmica o nome refere normalmente à família linguística Mondé, do tronco Tupí, ou como sinônimo da língua Salamãï. Recentemente os

	<p>falantes das línguas dessa família começaram usar <i>Tupí-Mondé</i> como nome das suas línguas individuais (p.ex.: òSou da etnia Suruí e falo Tupí-Mondéö). A etimologia do nome é desconhecida.</p> <p>Um outro nome encontrado na literatura é <i>Sanamãika</i> (registrado em Loukotka 1949:75), que é provavelmente derivado da autodenominação. Numa próxima publicação, Loukotka (1950:136-137) lista Sanamaikã como uma língua Tupí e na página seguinte Salamãí como uma língua isolada, não fazendo a conexão, provavelmente por falta de dados.</p> <p>Note que os Aikanã são popularmente referidos como <i>Tubarão</i>. Este nome vem de fato de um nome Salamãí de uma pessoa masculina <i>Gubalãm</i> (Peridalva c.p., Dequech 1988) (também citado por Dequech c.p. como <i>Subalø</i>). <i>Gubalãm</i> foi um homem do povo Salamãí que se casou com uma Aikanã e que nos anos 1940 atuou como liderança de uma aldeia Aikanã. Os seringueiros brasileiros interpretaram esse nome como <i>Tubarão</i> (palavra portuguesa que refere a um peixe inexistente na região), o qual ficou como apelido dos Aikanã que permaneceram na região de origem, e que deu origem ao nome da T.I. Tubarão-Latundê.</p>
--	--

<p>Denominação/denominações de ampla circulação, ou seja, nome(s) pelo(s) qual/quais a língua é mais conhecida</p> <p>Poderá repetir denominações dos campos anteriores</p>	Salamãí, Mondé
<p>Observações</p> <p><i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, etc.</i></p>	<p>A etimologia do nome <i>Salamãí</i> é desconhecida. O nome <i>Mondé</i> é um nome pessoal de etimologia desconhecida. Ambos são usados muito na literatura existente, a não ser que o nome Salamãí é usado mais na literatura recente. Note que o próprio povo se chama Salamãí e nunca Mondé.</p> <p>Na literatura linguística o nome Mondé é usado também para referir à família linguística. A partir disso, os falantes das línguas dessa família começaram recentemente usar <i>Tupí-Mondé</i> como nome das suas línguas individuais (p.ex.: òSou da etnia Suruí e falo Tupí-Mondéö).</p>

<p>Denominação utilizada neste formulário e que foi aprovada por um corpo representativo da comunidade linguística</p> <p>Poderá repetir denominações dos campos anteriores.</p>	Salamãí
Justificativa	Este nome refere tanto à língua quanto e ao povo em geral.
<p>Observações</p> <p><i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, etc.</i></p>	A etimologia do nome <i>Salamãí</i> é desconhecida. Este nome refere tanto à língua quanto e ao povo em geral.

## 2. Modalidade da língua

Selecione a opção adequada. As duas modalidades para a classificação das línguas de acordo com sua modalidade: Oral-auditiva – para as línguas cuja transmissão se dá primariamente a partir da oralidade, ou seja, pela comunicação verbal, e Visuo-espacial – cuja transmissão se dá a partir de sinais manuais e não-manuais, tais como expressões faciais e corporais.

modalidade oral-auditiva

modalidade visuo-espacial

### 3. Historicidade

#### 3.1 A língua é falada no território nacional há pelo menos três gerações?

Selecione a opção adequada. Caso a resposta seja não, explique o histórico da presença da língua em território nacional.

sim

não

Observações:

#### 3.2 Indique os marcos temporais que caracterizam a história da comunidade linguística

Os marcos temporais podem ser provenientes da história oral do grupo e/ou de documentação histórica. É importante que os inventários sejam explícitos sobre a fonte e natureza desses marcos. Os marcos temporais podem ser identificados por tópicos ou por um texto corrido, destacando os marcos temporais principais.

- 1913: Primeira identificação confiável de um grupo Salamã (Anônimo 1916:334), por intermediação dos Kepkiriwat, chamando lhes de *Charamein*.
- 1915: Abertura do Seringal de Américo Casara no Barranco Alto (Albert 1964) com varadouro para Cascata.
- 1920s-1980s: Epidemias devastadoras dos povos indígenas da região, inclusive os Salamã.
- 1930s-1970s: Mudanças de povos indígenas do sudeste de Rondônia para Posto Indígena Ricardo Franco no oeste na fronteira com Bolívia.
- 1930s-1970s: Muitos que ficam na região de origem são distribuídos em fazendas e seringais. A última aldeia dos Aikanã e Kwazá fora da futura T.I. Tubarão-Latundê é na foz do rio Tanarú, hoje um pasto. Uma das últimas falantes do Salamã estava neste grupo.
- 1941-1943: Expedição do S.P.I. ao alto rio Pimenta Bueno (Zack 1943) e Expedição Urucumacua do Departamento Nacional de Produção Mineral (Dequech 1943, 1988-93).
- 1950s: Migração dos Salamã oriundos de Ricardo Franco para o seringal Ribeirão.
- 1960: Começo da abertura da rodovia BR-364 do trecho Vilhena-Porto Velho, onde Índios da região foram envolvidos como mão de obra masculina (derrubadas, caça) e feminina (lavoura, cozinha).
- 1967: Migração dos Salamã oriundos de Ribeirão para o terreno da DEMA a 5,5 km de Porto Velho. Alguns Salamã começam morar na cidade.
- 1973: Migração dos remanescentes dos Aikanã e Kwazá, incluindo uma das últimas falantes do Salamã da foz do rio Tanarú para lotes da Gleba Corumbiara nas cabeceiras direitas do rio Pimenta Bueno na futura T.I. Tubarão-Latundê.
- 1983: Demarcação da T.I. Tubarão-Latundê em 1983, homologada em 1990 (ISA 2018).
- 2012: Transferência de posse do antigo terreno da DEMA para a Comunidade Indígena Cassupá e Salamã, a 5,5 km da cidade de Porto Velho.

### 4. Classificações da língua

Selecione a opção adequada e preencha com as informações requeridas. As línguas deverão ser classificadas em: Afro-brasileira, Crioula (nesses dois casos indicar também as línguas que lhes deram origem), Língua isolada (quando não há línguas aparentadas vivas ou documentadas historicamente) ou ainda através de seu Tronco (se houver) e Família Linguística (é o caso da maior parte das línguas indígenas brasileiras assim como das línguas de imigração). Para mais orientações, consultar a Parte 2, seção 4.

<input type="checkbox"/> Língua Afro-brasileira	
<input type="checkbox"/> Crioula	
Indicar as línguas que lhe deram origem:	

<input type="checkbox"/> Língua isolada
---

<input checked="" type="checkbox"/> Tronco (se houver)	Tupí
<input checked="" type="checkbox"/> Família Linguística	Mondé
Observação/caracterização adicional: <i>Listar as línguas geneticamente mais próximas</i>	Aruá / Cinta Larga / Gavião / Zoró Suruí
Observações gerais:	

## 5. Língua e Variedades

A discussão e o consequente estabelecimento do que é uma língua e o que são variedades de uma língua deverão ser feitos junto às comunidades linguísticas – especialmente devido ao caráter simbólico-político do reconhecimento patrimonial das línguas (para mais informações sobre o tema Língua e Variedades, consultar a seção 4, do Volume 1 do Guia).

### 5.1 Identificação de línguas e variedades

Responda a questão abaixo para línguas/variedades que possam ser interpretadas como sendo uma mesma língua com a língua de referência, a partir dos critérios discutidos na seção 4.3 do Volume 1 do Guia.

[**Obs. HV:** *qual módulo? qual página?*].

Responda apenas com relação às línguas e variedades que são reconhecidas pela comunidade linguística. Identifique-as por meio de uma forma de denominação (autodenominação ou proposta sugerida pelo inventário) e classifique-as conforme as perguntas abaixo.

Utilize uma tabela nova para cada outra língua ou variedade

Denominação da variedade/língua	Salamã
Localidades ou regiões onde é falada	Sudeste de Rondônia, na T.I. Tubarão-Latundê e Norte de Rondônia, cidade de Porto Velho.
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	<input checked="" type="checkbox"/> Mesma língua com relação à língua de referência <input type="checkbox"/> Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	<input type="checkbox"/> Falada por um segmento social da comunidade linguística (como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social), <input checked="" type="checkbox"/> Falada por pessoas consideradas de outro grupo social

	pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Totalmente inteligível com a língua de referência <input type="checkbox"/> 2-Quase totalmente inteligível <input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	<input type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico ( <i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i> ) <input type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática ( <i>ex. português do Brasil e português de Portugal</i> ) <input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças ( <i>ex. o português e o espanhol</i> ) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, ( <i>ex. o português e o francês</i> )
Observações: Não é possível verificar se existem dialetos diferentes do Salamãí.	

## 5.2 Caracterização das línguas e variedades identificadas

No que concerne às línguas identificadas como uma *Mesma Língua* em relação àquela de referência, descreva os principais elementos estruturais que as diferencia (por exemplo, a fonologia segmental, a prosódia, o léxico, a morfologia e a sintaxe)?

Utilize o quadro abaixo para identificar sucintamente tais elementos

Como observado acima, não há variação dialetal perceptível do Salamãí.

No que concerne às línguas identificadas como *Línguas Diferentes* em relação àquela de referência, diga se há propostas na literatura especializada que tenham uma interpretação divergente, ou seja, que as classificam como variedades de uma mesma língua?

Utilize o quadro abaixo para identificar tais propostas e resumir seus argumentos.

Não  
 Sim

Identificação e resumo das propostas:

[**Obs. HV:** Não há *Línguas Diferentes* em relação ao Salamãí internamente. Porém, há línguas da mesma família Mondé que não são mutuamente inteligíveis com Salamãí. De acordo com Moore (2005), a família Mondé do tronco Tupí consiste de três línguas: Salamãí, Suruí e o complexo dialetal Aruá / Cinta Larga / Gavião / Zoró.]

## 5.3 Documentação da pesquisa sobre línguas e variedades

Faça o upload ou escreva no quadro abaixo o *link* no quadro abaixo dos arquivos que apresentem os principais instrumentos e produtos utilizados na documentação, levantamentos e discussão com a comunidade sobre línguas e variedades.

[*Obs. HV*: Desculpe, mas não entendo a pergunta.]

*Links para arquivos com dados de pesquisa sobre línguas e variedades*

[*Obs. HV*: Não existe.]

## 6. Situação político-jurídica

Nos itens apresentados a seguir, identifique a situação das línguas com relação a leis de oficialização e/ou patrimonialização existentes. Identificar línguas que tenham passado, estejam passando ou que ainda não foram objeto de **leis de patrimonialização ou oficialização** é uma importante ferramenta para se conhecer a diversidade desses instrumentos no território nacional e acompanhar as ações decorrentes desses processos, bem como sua efetividade.

### 6.1 Oficialização

Identifique, caso exista, o estatuto da língua com relação a leis de oficialização, utilizando-se das categorias propostas e indicando municípios e/ou estados dessas ações no primeiro quadro. No segundo, caracterize as leis existentes, identificando-as através de uma breve descrição e de seu número, data e local de publicação, além do *hyperlink* (caso esteja disponível na internet).

	UF	Municípios
<input type="checkbox"/> Língua Oficial		
<input type="checkbox"/> Língua em processo de oficialização		
<input checked="" type="checkbox"/> Língua não-oficial		

Identificação das leis (breve descrição)	Nº do processo/publicação/hyperlink (se houver)

### 6.2 Patrimonialização

Identifique, caso exista, o estatuto da língua com relação a leis de patrimonialização, utilizando-se das categorias propostas e indicando municípios e/ou estados dessas ações no primeiro quadro. No segundo, caracterize as leis existentes, identificando-as através de uma breve descrição e de seu número, data e local de publicação, além do *hyperlink* (caso esteja disponível na internet).

	UF	Municípios
<input type="checkbox"/> Língua reconhecida como patrimônio		
<input type="checkbox"/> Língua em processo de reconhecimento patrimonial		

[X ] Língua sem reconhecimento patrimonial

Identificação das leis (breve descrição)	Nº do processo/publicação/hyperlink (se houver)

### 6.3 Caracterização das leis e estado atual de regulamentação

Caracterize as leis de oficialização e patrimonialização, discutindo sua abrangência e estado atual de implementação. Indique também seu estado atual de regulamentação (caso tenham sido), referindo o número dos processos e publicações, com breves descritivos e *hyperlinks* dos mesmos (se houver).

### 6.4 Fac-símiles dos documentos

Anexar ao formulário / Fazer upload de documentos completos de co-oficialização e patrimonialização

## 7. Recursos Documentais

Os recursos documentais estão divididos entre recursos *na* língua – quando a língua de referência é o principal código linguístico utilizado – e recursos *sobre* a língua – quando a língua de referência e a comunidade linguística são o tópico do documento feito em outra língua. Assim, os principais tipos de documentos listados *na* e *sobre* a língua são: produção bibliográfica (livros, panfletos, etc., incluindo materiais didáticos), produção áudio visual (documentários, filmes), produção musical (canções entre outras) e produções na internet – que devem incluir todos os documentos listados e que estejam numa plataforma WEB, além de produtos únicos na internet, como blogs, websites, páginas em redes sociais, vídeos, entre outros.

### 7.1. Produções documentais

Identifique e liste as principais produções documentais **na** e **sobre** a língua, incluindo, com a referência bibliográfica completa.

Produção bibliográfica na língua (incluindo materiais didáticos)

Produção bibliográfica sobre a língua (incluindo materiais didáticos)

- BECKER-DONNER, ETTA. 1955. Notizen über einige Stämme an den rechten Zuflüssen des Rio Guaporé. *Archiv für Völkerkunde* X: 275-343. Viena: Wilhelm Braumüller Universitäts-Verlag G.M.B.H.
- CASPAR, FRANZ. 1953. *Ein Kulturareal im Hinterland der Flüsse Guaporé und Machado (Westbrasilien), dargestellt nach unveröffentlichten und anderen wenig bekannten Quellen, mit besonderer Berücksichtigung der Nahrungs- und Genussmittel*. Tese de doutoramento, Universität Hamburg.
- CASPAR, FRANZ. s.d. *Salamãe*. [Lista manuscrito de palavras e observações feitas em 1948 ou 1949 na P.I. Ricardo Franco, 42 págs.] Disponível na coleção digital Amazonian Languages

organizado em 2010 por Hélène Brijnen e Willem F. H. Adelaar na Universiteitsbibliotheek Leiden: <<https://digitalcollections.universiteitleiden.nl/view/item/1280825>>, <<http://hdl.handle.net/1887.1/item:1280825>>

HANKE, WANDA. 1950. Breves nôtas sobre os índios mondé e o seu idioma. *Dusenía*, 1: 215-228. Curitiba.

LOUKOTKA, ESTMÍR. 1949. Sur quelques langues inconnues de l'Amérique du Sud. *Lingua Posnaniensis*, 1: 53-82.

LOUKOTKA, ESTMÍR. 1950. La parenté des langues du bassin de la Madeira. *Lingua Posnaniensis*, 2: 123-144.

LOUKOTKA, ESTMÍR. 1963. Documents et vocabulaires inédites de langues et de dialectes sud-américains, Journal de la Société des Américanistes, Nouvelle série, tome LII, pp. 7-60.

MOORE, DENNY. 2005. Classificação interna da família lingüística Mondé. *Estudos Lingüísticos*, 34: 515-520. <[http://www.etnolinguistica.org/local--files/artigo:moore-2005/moore\\_2005\\_monde.pdf](http://www.etnolinguistica.org/local--files/artigo:moore-2005/moore_2005_monde.pdf)>

RODRIGUES, ARYON DALL'IGNA. 1955. As línguas "impuras" da família Tupí-guaraní. In: HERBERT BALDUS (Org.), *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, Vol II. São Paulo: Editora Anhembi, p. 1055-1071.

XEREZ, SEBASTIÃO MOACYR. 1946. *Pequeno vocabulário dos dialetos macurape, mondé e caritiana*. Manaus: Inspetoria regional do Serviço de proteção aos índios.

ZACK, ESTANISLAU (STANISLAV ZACH). 1943. Turma de exploração no Oéste de Mato Grosso: relatório; vocabulário das tribus Massacá, Salamãin, Coaiá e Canoê. [Manuscrito, 19 pp.] Rio de Janeiro: Arquivo do Museu do Índio.

#### Produção em áudio e vídeo na língua

#### Produção em áudio e vídeo sobre língua

VÁRIOS. 1996-2018. *Salamãi*. [Gravações oriundas de projetos de vários pesquisadores.] Acervo de Línguas Indígenas do MPEG. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. <<https://arqling.museu-goeldi.br/ds/asv/?1>>

#### Produção musical na língua

#### Produção na língua disponível na internet

#### Produção sobre a língua disponível na internet

CASPAR, FRANZ. s.d. *Salamãe*. [Lista manuscrito de palavras e observações feitas em 1948 ou 1949 na P.I. Ricardo Franco, 42 págs.] Disponível na coleção digital Amazonian Languages organizado em 2010 por Hélène Brijnen e Willem F. H. Adelaar na Universiteitsbibliotheek Leiden: <<https://digitalcollections.universiteitleiden.nl/view/item/1280825>>, <<http://hdl.handle.net/1887.1/item:1280825>>

MOORE, DENNY. 2005. Classificação interna da família lingüística Mondé. *Estudos Lingüísticos*, 34: 515-520. <[http://www.etnolinguistica.org/local--files/artigo:moore-2005/moore\\_2005\\_monde.pdf](http://www.etnolinguistica.org/local--files/artigo:moore-2005/moore_2005_monde.pdf)>

VOORT, HEIN VAN DER, LISA KATHARINA GRUND, JOSHUA BIRCHALL. [telefone anonimizado]. *Sudeste de Rondonia, Salamãi*. [Gravações oriundas do projeto DoBeS (Documentação de Línguas Ameaçadas), no. 85611]. The Language Archive. Nijmegen: Instituto Max Planck para

## 7.2 Principais referências documentais

Selecionar e comentar as principais referências documentais **na e sobre** a língua

Referências	Comentários
<p>(1) BECKER-DONNER, ETTA. 1955. Notizen über einige Stämme an den rechten Zuflüssen des Rio Guaporé. <i>Archiv für Völkerkunde X</i>: 275-343. Viena: Wilhelm Braumüller Universitäts-Verlag G.M.B.H.</p> <p>(2) CASPAR, FRANZ. s.d. <i>Salamãe</i>. [Lista manuscrito de palavras e observações feitas em 1948 ou 1949 na P.I. Ricardo Franco, 42 págs.]</p> <p>(3) HANKE, WANDA. 1950. Breves nôtas sobre os índios mondé e o seu idioma. <i>Dusenja</i>, 1: 215-228. Curitiba.</p> <p>(4) MOORE, DENNY. 2005. Classificação interna da família lingüística Mondé. <i>Estudos Lingüísticos</i>, 34: 515-520.</p> <p>(5) XEREZ, SEBASTIÃO MOACYR. 1946. <i>Pequeno vocabulário dos dialetos macurape, mondé e caritiana</i>. Manaus: Inspeção Regional do Serviço de proteção aos índios.</p> <p>(6) ZACK, ESTANISLAU (STANISLAV ZACH). 1943. Turma de exploração no Oéste de Mato Grosso: relatório; vocabulário das tribus Massacá, Salamãin, Coaiá e Canoê. Rio de Janeiro: Arquivo do Museu do Índio.</p> <p>(7) VÁRIOS. 1996-2018. <i>Salamãi</i>. [Gravações audiovisuais oriundas de projetos de vários pesquisadores.] Acervo de Línguas Indígenas do Museu Goeldi.                  &lt;<a href="https://arqling.museu-goeldi.br/ds/asv/?1">https://arqling.museu-goeldi.br/ds/asv/?1</a>&gt;</p> <p>(8) VOORT, HEIN VAN DER, LISA KATHARINA GRUND, JOSHUA BIRCHALL. [telefone anonimizado]. <i>Sudeste de Rondonia, Salamãi</i>. [Gravações audiovisuais oriundas do projeto DoBeS. The Language Archive. Nijmegen: Instituto Max Planck para Psicolinguística (MPI).                  &lt;<a href="https://archive.mpi.nl/islandora/object/lat%253A1839_00_0000_0000_001E_12F4_7">https://archive.mpi.nl/islandora/object/lat%253A1839_00_0000_0000_001E_12F4_7</a>&gt;</p>	<p>As principais referências na língua:                  [Não existe.]</p> <p>As principais referências sobre a língua:                  (1,3) são as principais, mas breves, esboços da estrutura da língua junto com listas de palavras e anotações etnográficas                  (2,5,6) são listas de palavras relativamente extensas                  (4) é um estudo histórico-comparativo</p> <p>As principais referências a acervos de documentação:                  (7) é acervo de documentação de língua, em processo de disponibilização online, com acessibilidade restrita                  (8) é acervo de documentação de língua e cultura, dentro de um projeto DoBeS 2012-2016, em processo de disponibilização online, parcialmente acessível</p>

### Anexar / Fazer upload documentos digitalizados

[Observação: inclusão de arquivos sob o nome ã4.7.2 etc.ö Foram anexados documentos (1-6). (7-8) são acessíveis no futuro pelos links.]

## 7.3 Disponibilidade das produções documentais na comunidade

Comente sobre a disponibilidade e acesso dos documentos identificados pela comunidade linguística. A pergunta básica seria “a comunidade tem acesso a essa documentação?”

Em princípio a comunidade tem acesso a essa documentação via internet. Cópias de gravações feitas por pesquisadores ligados ao Museu Goeldi estão planejados no futuro para ser compartilhadas com membros da comunidade em forma de DVD. Uma cópia íntegra do acervo

Aikanã do projeto DoBeS (VAN DER VOORT *et al.* (telefone anonimizado)) está com a assistente indígena do projeto, e a maior parte do acervo está online, esperando livre acesso. Um outro acervo de documentação (VÁRIOS 1996-2018) está nos servidores do Museu Goeldi com acesso restrito, para ser liberado no futuro.

## 8. Pessoas de referência

Assim como os recursos documentais, identificar as pessoas de referência para as línguas é fundamental para se conhecer e subsidiar ações de valorização e promoção das línguas nas comunidades. Os inventários deverão identificar dois tipos principais de **pessoas de referência** para as línguas: falantes de referência e especialistas.

### 8.1 Principais falantes de referência

Identifique os principais falantes de referência da língua, como por exemplo, sabedores; professores falantes da língua; autores; cantores/músicos; intelectuais/acadêmicos/especialistas membros da comunidade, entre outros. Liste os nomes e contatos dos principais falantes de referência, e, se possível, caracterize esses falantes, ou seja, informe com maiores detalhes quem são essas pessoas, sua trajetória de vida e o que as torna falantes de referência para a língua. Neste espaço também cabem registros audiovisuais desses falantes, seja a partir da realização de entrevistas sobre diversos temas ou mesmo uma curta biografia de suas vidas contada por eles mesmos.

Lista de nomes/contatos	<i>Caracterização das pessoas</i>	<i>Anexar/ Fazer upload entrevistas/retratos com falantes de referência no acervo digital</i>
Maria Campés	falante de referência, sabedora	[fotos]
peridalva Aikanã	falante de referência, sabedora	[fotos]

### 8.2 Especialistas e demais pessoas envolvidas em pesquisa e ações

Identificação de especialistas (linguistas, antropólogos, educadores) e outras pessoas envolvidas em pesquisas e demais ações de valorização e promoção da língua. Os especialistas podem ser identificados entre pessoas de dentro ou de fora da comunidade. Devem ser identificados seus nomes, seus contatos (inclusive instituição a que pertencem) e uma lista sumária de atividades que realizam.

Nome	Contatos	É membro da comunidade linguística?	Principais atividades que realiza
Denny Moore	dennymoore5@gmail.com	[X] não [ ] sim	linguista, pesquisador titular do Museu Goeldi
Lisa Katharina Grund	lisakgrund@gmail.com	[X] não [ ] sim	antropóloga, pesquisadora visitante do Museu Goeldi
José Luis Kassupá	urupuu@gmail.com	[ ] não [X] sim	coordenador da associação indígena OPIRON
Joshua Birchall	jtbirchall@gmail.com	[X] não [ ] sim	linguista, pesquisador visitante do Museu Goeldi
Hein van der Voort	hvoort@museu-goeldi.br	[X] não [ ] sim	linguista, pesquisador titular do Museu Goeldi

## 9. Instituições

### 9.1 Escola

A seguir, são propostas duas questões básicas para se avaliar a relação entre escola e língua: **língua como disciplina** e **língua de instrução**.

- Professores e materiais didáticos  
Selecione as opções que se aplicam à língua de referência

Há professores que falam a língua de referência?

- não  
 sim, todos ou a grande maioria  
 sim, mas há muitos professores que não falam a língua

Há materiais didáticos na e sobre a língua de referência?

- sim, em boa quantidade e/ou qualidade  
 sim, mas existem ainda muito poucos e/ou de baixa qualidade  
 não

Observações:

- Informações sobre escolas na comunidade de referência

Neste item, sugere-se o fornecimento de informações sobre todas as escolas situadas na comunidade de referência. As informações básicas são: *nome da escola*, *localização* da escola entre as localidades de ocorrência da língua, níveis escolares contemplados, se a escola tem programas especiais como *intercultural*, *bílingue* ou *"diferenciado"*. Em seguida, pede-se que os proponentes dos inventários forneçam informações sobre em que língua ocorre a **alfabetização**, qual(is) a(s) língua(s) de **instrução** na escola, ou seja, qual a língua usada para se ensinar as diferentes disciplinas escolares, e se a língua de referência consta como uma **disciplina** escolar. Além de identificar se esse é o caso, deve-se indicar o nome da disciplina no currículo escolar, indicar para quais anos/séries a disciplina é oferecida e em qual/quais escola(s) e localidade(s) ela é ensinada, além de apresentar uma breve descrição sobre o que trata essa disciplina. Sugere-se utilizar o quadro de observações para inclusão de demais considerações pertinentes (consultar Parte 2, seção 9.3, para mais orientações questões relativas à educação escolar).

*Utilize uma tabela como esta para cada escola*

Nome da Escola	Escola Municipal Indígena Multisseriada Aikana Capitão Aritimon
Local	T.I. Tubarão-Latundê, aldeia Gleba
Níveis contemplados	<input type="checkbox"/> Ensino Infantil <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Fundamental <input type="checkbox"/> Ensino Médio
Possui educação intercultural, bilíngue ou diferenciada?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim. Explique: Há aulas limitadas em Aikanã <input type="checkbox"/> Não
Língua de Alfabetização	<input checked="" type="checkbox"/> Português <input type="checkbox"/> Língua de Referência <input type="checkbox"/> Outra. Explique:
Língua de Instrução	<input type="checkbox"/> A língua de referência é usada na instrução escolar <input type="checkbox"/> O Português é a única língua usada na instrução escolar
Língua como disciplina	<input checked="" type="checkbox"/> A língua de referência não é uma disciplina escolar <input type="checkbox"/> O ensino da língua de referência é na verdade de uma variedade padrão que não é a mesma falada pela comunidade (responda as questões abaixo) <input type="checkbox"/> A língua de referência é uma disciplina escolar (responda as questões abaixo)

A partir de qual ano escolar?	primeiro ano
Até que ano escolar?	nono ano
Com que regularidade/frequência no ano escolar	
Breve descrição do que trata a disciplina	
Observações	Tem aulas limitadas em Aikanã na escola. Não há possibilidade nem necessidade nem demanda para usar a língua Salamã na escola. Considerei somente a escola da T.I. onde mora uma das duas semi-falantes.

▪ **Contexto escolar.** Identificar se a situação atual das escolas está:

Classifique numa escala se a situação das escolas é favorável, indiferente ou desfavorável à promoção do uso da língua de referência na escola. A isso, segue-se um campo de justificativa: forneça outros detalhes não mencionados ainda e caracterize de modo geral a situação escolar.

<input type="checkbox"/> Favorável à promoção do uso da língua de referência na escola
<input type="checkbox"/> Indiferente à promoção do uso da língua de referência na escola
<input checked="" type="checkbox"/> Desfavorável à promoção do uso da língua de referência na escola
Justificativa e caracterização (se houver) das situações desfavoráveis para a promoção da língua no contexto escolar:
Não há possibilidade nem necessidade nem demanda para usar a língua Salamã na escola. A língua parece moribunda e é pouco documentada.

## 9.2 Demais serviços públicos

Identificar quais são os serviços públicos que são oferecidos na língua. Marque quantas opções forem necessárias.

<input type="checkbox"/> Saúde	Observações:
<input type="checkbox"/> Prefeitura	Observações:
<input type="checkbox"/> Outros	Observações:

## 9.3 Outras Instituições

Identificar se há e quais são as instituições que atuam no território da língua e se suas atividades apoiam o uso da língua de referência, quais são e de que maneira o fazem. Enfatizar os tipos de instituições que são vetores para a promoção da língua de referência. Identifique o tipo de organização, se ela é de dentro ou de fora da comunidade, e quais tipos de atividades ligadas à promoção da língua elas promovem.

	Identificação (nome e endereço)	Procedência	Atividades realizadas	Observações
Associações Representantes		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Associações	Organização	<input type="checkbox"/> de fora da		

Representantes	dos Povos Indígenas Cassupá e Salamãï (OPICS)	comunidade <input checked="" type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Organizações governamentais		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Organizações governamentais		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Organizações governamentais	Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG)	<input checked="" type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade	Realiza estudos científicos e documentação da língua desde 1996.	Criou um modesto acervo digital de documentação linguística e étno-histórico.
Organismos internacionais		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
ONGs nacionais		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
ONGs internacionais		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Religiosas/missionárias		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Grupos/Coletivos de cultura		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Outros:		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		

#### 9.4 Organizações que ameaçam a língua e a cultura da comunidade linguística

Indicar se há, quais são e o que fazem organizações que – na opinião deste dos proponentes do inventário – possam ser um fator de ameaça para a língua e para a cultura da comunidade.

Instituição	O que tem sido desenvolvido	Consequências
[madeireiros não identificados]	Pagam um pouco de dinheiro para extração ilegal de madeira, mas estragam a floresta, trazem bebidas alcoólicas e drogas, corrompem os Índios, dividem as comunidades.	Representa uma grave ameaça às línguas e à culturas das etnias na T.I. Tubarão-Latundê.

## Módulo 5

### Diagnóstico Sociolinguístico<sup>1</sup>

Este módulo contém questões relativas à língua de referência e à comunidade linguística que se mesclam, de modo a caracterizar a língua em relação ao contexto sociolinguístico mais amplo da comunidade. Muitas das questões a serem discutidas envolvem técnicas de recenseamento linguístico ou, de modo mais geral, o que chamamos de levantamento demográfico.

#### 1. Falantes<sup>2</sup>

Nesta seção são apresentados resultados ou estimativas da quantidade de falantes da língua de referência e de outras línguas, contando com uma breve caracterização dessas situações de contato entre línguas em nível individual: quantidade de sujeitos monolíngues (falantes de apenas uma língua, sendo essa a língua de referência ou outras), bilíngues (falantes de duas línguas) e plurilíngues (falantes de três ou mais línguas).

##### 1.1 Número de falantes da língua de referência

Preencha o quadro a seguir com as informações requeridas sobre a quantidade de falantes das línguas de referência (em números absolutos). Quando a comunidade de referência for um recorte da comunidade linguística, preencher também a terceira coluna à direita (consultar orientações específicas sobre proficiência e definições de falantes na Parte 2, seção 2, deste Guia).

	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Número de falantes	0	0
<i>Número de falantes parciais</i>	2	2
<i>Número de não-falantes</i>	8	8

##### 1.2 Estimativa de indivíduos monolíngues na comunidade linguística

Indique em números absolutos a estimativa para os falantes monolíngues, considerando as línguas faladas dentro da comunidade. Crie novas linhas para inserir novas línguas. Utilize o campo de observações para complementar as informações, bem como para discutir e/ou justificar as quantidades indicadas.

- Qual a estimativa de falantes monolíngues?

	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)

<sup>1</sup> Este módulo contém várias questões que devem ser respondidas somente por inventários amplos, pois requerem aplicação extensiva e intensiva de técnicas de pesquisa como o *levantamento demográfico*.

<sup>2</sup> O Volume I traz as definições sobre os tipos de falantes e a Parte 2, seção 2, deste volume traz instruções para a definição de proficiência linguística e sua correspondência aos tipos de falantes.

Na língua de referência	0	0
<i>Em português</i>	8	8
<i>Nas demais línguas faladas no território</i>	0	0

**Observações:** Da étnia Salamã, estimado aqui convencionalmente a constituir 10 indivíduos, tem 8 falantes monolíngues do Português, 1 que fala Salamã parcialmente além do Português e 1 que fala Salamã parcialmente e Aikanã fluentemente além do Português.

### 1.3 Estimativa de indivíduos bilíngues na comunidade linguística

Indique em números absolutos a estimativa para os falantes bilíngues na comunidade pesquisada em relação a cada uma das possibilidades indicadas a seguir (língua de referência + português e/ou língua de referência + outra língua que não o português). Utilize o quadro de observações para incluir informações adicionais e/ou para justificar/discutir as estimativas apresentadas.

▪ **Entre os falantes da língua de referência...**

	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
<i>Quantos também falam português?</i>	10	10
<i>Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua</i>	1	1

**Observações:** Os que falam língua de referência + português + outra língua, são incluídos também naqueles que falam língua de referência + português. A outra língua é o Aikanã.

### 1.4 Caracterização de situações de plurilinguismo

Responda às questões a respeito de indivíduos plurilíngues nos campos a seguir.

▪ **Quantos são os indivíduos na comunidade que falam três ou mais línguas?**

Utilize números absolutos para apresentar a estimativa.

Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
1	1

▪ **Quais são as línguas mais comuns faladas por indivíduos que dominam mais de duas línguas**

Indique as combinações de línguas em indivíduos plurilíngues mais frequentemente identificadas na comunidade.

Aikanã e Português

## 2. Aquisição

Aquisição é um tema que se desdobra em duas questões. A primeira diz respeito a que línguas são adquiridas como primeira ou segunda língua na comunidade. Apresente-as hierarquicamente e, se necessário, indique mais de uma língua na mesma posição. A segunda questão diz respeito às formas de aquisição da segunda língua pelos membros da comunidade (consultar a Parte 2, seção 6.2, para obter maiores informações).

- Qual língua é mais comumente aprendida como **primeira língua**?

Indique mais de uma língua em cada posição, se necessário.

Língua 1 Português
Língua 2
Língua 3

- Qual língua é mais comumente aprendida como **segunda língua**?

Indique mais de uma língua em cada posição, se necessário.

Língua 1 Aikanã
Língua 2
Língua 3

- **Para as línguas adquiridas como segunda língua, indique:**

Preencha com as informações requeridas quanto à aquisição da segunda língua:

- identifique a língua por meio da sua denominação;
- informe em que fase da vida ocorre a aquisição dela (por exemplo, na infância, na idade escolar, na fase adulta, etc.); e
- em que situações sociais (onde e com quem) a língua é geralmente adquirida (em casa com os pais, nas ruas com amigos, na escola, etc.).

Crie, se necessário, novas tabelas para incluir mais línguas.

Língua:	Aikanã
Em que fase da vida dos indivíduos a língua é adquirida?	depois da infância (por definição [ver observação])
Em que contextos sociais ela está sendo adquirida?	contexto multilíngue histórico

- Há diferenças notáveis entre a aquisição da língua de referência em diferentes localidades investigadas?

No quadro abaixo identifique as localidades e em que elas se diferenciam.

Os membros da etnia Salamã aprendem somente Português como língua materna e não aprendem outras línguas. A falante da T.I. Tubarão-Latundê aprendeu Português como segunda língua e depois aprendeu também o Aikanã.
--

### 3. Transmissão da língua de referência

Esta seção contém duas entradas distintas de dados: na primeira, são requeridos os números absolutos e o percentual de falantes fluentes, parciais e não falantes em cinco faixas etárias. A segunda questão é focada na transmissão da língua de referência para a qual cada inventário indicará o grau correspondente dentre aqueles apresentados, além de uma breve justificativa para a seleção do grau (no quadro observações).

#### 3.1 Taxa de transmissão

Com base em seu levantamento demográfico, indique os tipos de falantes para cada faixa etária em números absolutos e porcentagem. Na seção 5.5 do volume 1 trazemos algumas sugestões caso a identificação da idade dos indivíduos seja um problema para certos inventários.

	Falantes Fluentes [1]		Falantes com proficiência parcial [2]		Não falantes [3]	
	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual
Infância 0-12						
Juventude 13-25					2?	20
Adulta I 26-40					3?	30
Adulta II 41-60					3?	30
Idoso +60			2	20		

### 3.2 Grau de transmissão da língua

Indique o grau de transmissão da língua marcando a opção adequada. Propomos quatro níveis para a transmissão da língua, definidos da seguinte maneira: i) **estável**; ii) **em crise**; iii) **em retomada de crescimento**; iv) **interrompida**. Utilize o quadro de observações para outras considerações bem como para a discussão/ análise do grau selecionado (consultar Parte 2, seção 6.2, para mais orientações sobre os níveis).

<input type="checkbox"/> Estável
<input type="checkbox"/> Em crise
<input type="checkbox"/> Em retomada de crescimento
<input checked="" type="checkbox"/> Interrompido

Observações: A língua está fora de uso já há décadas. As duas falantes não mais têm usado a sua língua materna desde infância.

## 4. Escrita e Leitura

### 4.1 Situação de grafias na língua

#### 4.1.1 Identificar a existência de grafias

Identificar se a língua está atualmente sem grafia, se possui uma grafia ou se possui múltiplos modelos de grafias (e quantas).

<input checked="" type="checkbox"/> sem grafias (ágrafa)
<input type="checkbox"/> com <i>uma</i> grafia
<input type="checkbox"/> com múltiplos modelos de grafias. Quantas? <u>2</u>

#### 4.1.2 Caracterizar as grafias existentes

Deve-se produzir um diagnóstico sumário com base nas respostas às questões da tabela abaixo. Se houver mais de uma grafia, identifique cada uma com uma denominação única. Para cada grafia, utilize uma linha diferente da tabela.

Denominação da grafia	
Quem elaborou? Quando? Com que propósito?	
Está sendo usada na	

alfabetização? Quem ensina? Onde?	
Quem a usa atualmente na comunidade?	
É relevante para que tipos de produtos escritos?	

#### 4.1.3 Contrastar as grafias existentes

Utilize o quadro abaixo para contrastar as diferentes grafias, tanto sob um ponto de vista sobre o sistema de representação gráfica da língua, quanto eventuais problemas e demais diferenças entre elas.

--

#### 4.2 Textos escritos produzidos pela comunidade

Neste tópico estão contemplados diagnósticos sobre os tipos de textos produzidos na comunidade linguística, focando na língua de referência e no Português.

As pessoas da comunidade costumam escrever na sua própria língua?	<input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
Quais tipos de textos?	
Há quanto tempo existe o uso da escrita na língua de referência pela comunidade?	<input type="checkbox"/> Há menos de 25 anos <input type="checkbox"/> Há mais de 25 anos e menos de 75 anos <input type="checkbox"/> Há mais de 75 anos
Pode-se dizer que existe uma tradição de textos escritos em diferentes gêneros discursivos na comunidade?	<input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
Comente a questão anterior se sua resposta for “sim”:	

As pessoas da comunidade costumam escrever em português?	<input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
Quais tipos de textos?	

Comente sobre as principais diferenças entre a prática de escrita e leitura na língua portuguesa e na língua de referência da comunidade

--

#### 4.3 Paisagem linguística

Na tabela abaixo, responda a questão de múltipla escolha com relação à paisagem linguística nas localidades onde vivem seus falantes, ou seja, como se dá a presença de textos escritos expostos de forma visível e acessível nos principais ambientes de circulação pública na comunidade.

Quais são os principais tipos de textos escritos que costumam estar expostos na paisagem linguística das localidades de ocorrência da língua de referência	<input type="checkbox"/> Cartazes, faixas, <i>banners</i> e cartolinas <input type="checkbox"/> Letreiros em estabelecimentos públicos <input type="checkbox"/> Letreiros em estabelecimentos comerciais e privados <input type="checkbox"/> Placas de trânsito, de turismo ou outras formas de sinalização em vias de circulação pública
--	--

	<input type="checkbox"/> Inscrições em cemitérios, muros, edifícios, paredes, rochas, árvores, etc. <input type="checkbox"/> Outros. Explique: <input type="checkbox"/> Nenhum (não há textos escritos na língua de referência expostos publicamente)
--	---

*Anexar / Fazer upload de arquivos no acervo digital referentes à documentação da paisagem linguística*

[Observação: A língua Salamãï não existe na paisagem.]

#### 4.4 Proficiência em escrita e leitura

Nas tabelas a seguir, indique a quantidade de indivíduos com relação às habilidades de leitura e escrita na língua de referência (a) e em Português (b). Assumimos três níveis de proficiência: pleno, parcial e nulo. Leitura e escrita devem ser avaliadas separadamente (consultar Parte 2, seção 2, para mais orientações sobre proficiência em escrita e leitura).

##### ▪ Língua de referência

Nível de proficiência	Leitura		Escrita	
	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística
Pleno		igual a com ref		igual a com ref
Parcial		igual a com ref		igual a com ref
Nulo	10	igual a com ref	10	igual a com ref
Observações				

##### ▪ Português

Nível de proficiência	Leitura		Escrita	
	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística
Pleno				
Parcial				
Nulo	2		2	
Observações				
As duas semi-falantes do Salamãï não aprenderam ler e escrever. Não foi investigado o domínio do escrito do Português pelos 8 não-falantes do Salamãï.				

## 5. Situações de usos<sup>3</sup>

### 5.1 Língua mais frequente

- Qual língua é usada com mais frequência nas situações cotidianas na comunidade? Marque mais de uma se necessário. Crie uma hierarquia no caso de mais de uma língua: comece com a mais frequente e termine com a menos frequente. Este item pode ser respondido com base em um levantamento demográfico ou por conhecimentos gerais de pessoas-chave e observação etnográfica.

<sup>3</sup> Conferir Parte 2, seção 6, para maiores orientações sobre esse tema.

Língua 1 Português
Língua 2 Aikanã
Língua 3

## 5.2 Situações comunicativas

Discuta as diferentes situações comunicativas cotidianas na comunidade linguística tomando como base os seguintes pontos:

- Qual língua é usada em cada situação
- Qual o Âmbito/Local onde cada situação ocorre
- Quais são os interlocutores (como quem se fala) em cada situação
- Qual o meio de cada situação: Meio Oral/Sinal; Meio Escrito; Meio eletrônico (computador, internet, redes sociais, celular, etc.)

Dentro da comunidade de referência Salamã, o Português está sendo usado. A semi-falante na T.I. Tubarão-Latundê fala Aikanã com os falantes do Aikanã.

*Anexar / fazer upload da documentação dos usos linguísticos cotidianos no acervo digital*

[Observação: Não há mais uso quotidiano da língua Salamã.]

## 5.3 Dinâmica dos usos da língua de referência:

Para esta questão, classifique a situação dos usos da língua de referência numa escala conforme as definições a seguir, escolhendo a mais apropriada. Em seguida, no campo "Justificativa e detalhes", preencha com breves informações sobre a escolha do grau, além de outras considerações e análises pertinentes ao tema (consultar Parte 2, seção 6, para maiores orientações sobre esta temática).

Identifique como está a situação dos usos da língua de referência a partir de um dos níveis abaixo:

[4] Uso em expansão
[3] Uso estável
[2] Uso em retração
[1] Uso restrito
[0] Uso interrompido

Justificativa e detalhes:

[0] A língua Salamã parece estar moribunda. Quando as últimas duas semi-falantes falecem, a língua não terá mais falantes conhecidos. No entanto, não sabemos se ainda há falantes entre os vários grupos de Índios isolados de Rondônia, que ainda não foram contatados.

➤ **Crie um quadro adicional para o português ou outra língua comunidade caso seja necessário**

## 5.4. Usos linguísticos especiais da língua de referência<sup>4</sup>

### 5.4.1 Identificação dos usos especiais

Identifique os tipos de usos especiais da língua de referência, ou seja, aqueles marcados por um valor cultural especial, destacados dos demais usos cotidianos na língua devido ao fato de ocorrerem em domínios sociais especiais e implicarem em uma manipulação dos repertórios linguísticos de forma diferenciada (tipos de cantos, tipos de narrativas, tipos de diálogos cerimoniais, etc. Consulte a seção 6). Faça a identificação baseada na autoidentificação da comunidade. Indique o nome (crie um se necessário), faça uma breve descrição das características formais e dos conteúdos expressos por esse tipo de uso e o domínio social no qual ocorre (onde/quando), como por exemplo, em festas tradicionais, no ambiente privado ou público, entre outros

Nome ou outra forma de identificação dos usos linguísticos especiais	Breve descrição das características formais e dos conteúdos de cada uso	Situações sociais onde tendem a ocorrer e pessoas que dominam essa forma de uso linguístico	Anexar / Fazer upload arquivos no acervo
	cantos tradicionais na língua Salamã	A semi-falante na T.I. Tubarão-Latundê ainda lembra uns poucos cantigos e os canta com relutância a pedido do pesquisados.	

### 5.4.2 Caracterização da situação atual dos usos linguísticos especiais

Responda as questões a seguir para cada uso especial da língua identificado na questão anterior.

Uso linguístico especial	Qual a proporção de indivíduos que conhecem atualmente esse tipo de uso?	Qual a frequência relativa que as pessoas praticam esse tipo de uso linguístico?	Como está a transmissão desse tipo de uso linguístico?
	<input type="checkbox"/> Muitas pessoas <input checked="" type="checkbox"/> Poucas pessoas <input type="checkbox"/> Ninguém	<input checked="" type="checkbox"/> Menos do que antigamente <input type="checkbox"/> Mais do que antigamente	<input checked="" type="checkbox"/> Não há pessoas aprendendo <input type="checkbox"/> Há um número decrescente de pessoas aprendendo <input type="checkbox"/> Há um número crescente de pessoas aprendendo

Utilize a tabela abaixo para esclarecer a situação atual dos usos linguísticos especiais

A semi-falante na T.I. Tubarão-Latundê ainda lembra uns poucos cantigos e os canta com relutância a pedido do pesquisados.
--

## 6. Atitudes linguísticas da comunidade

Nesta seção estão explícitas duas questões sobre atitudes linguísticas dos falantes frente à língua de referência, mas vale lembrar que tais questões estão dispersas por todo o formulário, já que essa é a natureza do tema. Nos

<sup>4</sup> Consultar Parte 2, seção 6, para maiores orientações sobre esta temática.

dois itens a seguir, espera-se que seja apresentado e discutido como as línguas funcionam (ou não) como referência cultural, como elemento de distinção e marcador de identidade(s) dos grupos (consultar Parte 2, seção 7, para maiores orientações sobre esse tema).

### 6.1 Grau de atitudes dos falantes com relação à língua de referência

Selecione a opção mais adequada, conforme as categorias propostas. Utilize o quadro de observações para problematizar a escolha e apresentar outros detalhes acerca do tema.

<input type="checkbox"/> Extremamente Positiva	A comunidade tem a língua como um importante valor sociocultural e procura se organizar para garantir o fortalecimento e a expansão dos usos sociais da língua
<input type="checkbox"/> Positiva	A comunidade tem a língua como um valor sociocultural e gostaria de vê-la sendo transmitida para as novas gerações
<input type="checkbox"/> Indiferente	A língua não é uma questão importante para a comunidade
<input type="checkbox"/> Negativa	A comunidade não tem a língua como um valor cultural, e, em geral, é contra iniciativas para apoiar a transmissão da língua na comunidade
<input type="checkbox"/> Cindida	A comunidade encontra-se dividida: uma parte da comunidade tem uma visão positiva e outra uma visão negativa ou indiferente da língua
Observações A comunidade acha a língua Salamã importante, mas não parece haver muita confiança que a língua pode ser revitalizada.	

### 6.2 Atitude em relação às demais línguas

Caracterize em um texto analítico sucinto a atitude da comunidade linguística sobre as outras línguas faladas em seu território, incluindo o português (caso essa língua seja falada). Mencione, quando possível, exemplos de situações de contato linguístico, como empréstimos, diglossias, *code-switching*, entre outros.

Português é aprendido e falado por todos como língua primeira.

*Anexar / Fazer upload entrevistas/reuniões com falantes de referência*

[Observação: Não foram feitas entrevistas com respeito a atitudes linguísticas.]

## 7. Síntese

### 7.1 Língua dominante no território da língua de referência

Nesse momento, qual ou quais língua(s) a pesquisa identifica como dominante para a vida cotidiana e valores culturais na comunidade, incluindo os fatores consideradas nesse diagnóstico (aquisição, transmissão, usos, atitudes)? É possível estabelecer uma hierarquia entre as línguas nesse sentido?

Essa questão é uma síntese de todo o item “usos linguísticos”. Para responder essa questão sugerimos que a relevância social da língua seja avaliada com base nos seguintes critérios: 1) **Demografia**; 2) **Aquisição**; 3) **Domínios sociais**; 4) **Valor cultural**. Conferir Parte II, seção 6, para maiores orientações sobre esta temática.

[**Obs. HV:** Parece que esta questão não concerne a comunidade de referência ou da língua, mas somente o território onde a língua de referência é falada. Esta resposta é baseado nessa presunção.]

Língua 1	Português
Língua 2	Aikanã
Língua 3	Kwazá, Latundê, Wariø

Justificativa: Português é dominante. Existem mais falantes do Português no território da língua de referência do que falantes de qualquer outra língua. Porém, na T.I. Tubarão-Latundê a língua Aikanã é dominante e Português está no segundo lugar, como língua franca.

Com respeito à aquisição, a língua Salamãï não está sendo adquirido mais, nem como primeira língua nem como segunda língua.

Com respeito ao valor cultural do Salamãï, isso é muito limitado, porque a língua tem somente semi-falantes. Os não falantes não mostram esforços para saber alguma coisa sobre a língua. Mesmo assim, a língua tem um valor simbólico para a Comunidade Indígena Cassupá e Salamãï perto de Porto Velho.

Em termos de domínios sociais, o Salamãï não está sendo mais usado, nem quando as duas falantes se encontram. O único domínio de uso é quando pesquisadores interessados fazem perguntas sobre a língua às semi-falantes.

Na T.I. Sagarana, a língua Wariø (Txapakura) é dominante, e Português funciona como língua franca.

## 7.2 Panorama das línguas em contato

No campo abaixo, apresente uma breve análise e discussão de como diferentes línguas coexistem na área de abrangência da pesquisa. Utilize como guia as questões abaixo, além de outras consideradas pertinentes.

- Há uma quantidade considerável de indivíduos bilíngues ou plurilíngues?
- As famílias nucleares e as comunidades tendem a ser multilíngues?
- Existe(m) língua(s) francas para a comunicação entre os grupos?
- Como as diferentes línguas circulam nos espaços de convivência social na região?
- Há línguas que estão em risco devido ao aumento no uso de outras línguas?
- Há elementos linguísticos e/ou comportamentos verbais recorrentes entre as línguas? Quais?

Considerando a comunidade linguística como área de abrangência de pesquisa, tem três regiões diferentes: (1) as T.I.s onde a língua de referência é falada; (2) as T.I.s onde os membros da etnia Salamãï (sob qualquer etnônimo) não falam a língua de referência; (3) as cidades onde moram falantes do Salamãï.

(1) Em princípio as línguas indígenas coexistem pacificamente, não são desrespeitadas, e há muitas pessoas e famílias nucleares bilíngues e ainda algumas trilíngues. Português é a língua franca quando um dos interlocutores não entende a língua indígena do outro. As línguas minoritárias Kwazá e Latundê são faladas em determinadas localidades enquanto as línguas majoritárias são faladas na maioria das localidades. As línguas minoritárias, talvez especialmente o Latundê, estão provavelmente sofrendo pressão do Português. O Salamãï está somente sendo lembrado mas não usado.

(2) Somente a língua Portuguesa está sendo falada na Comunidade Indígena Cassupá e Salamãï. Tem uma única falante idosa do Aikanã e - na cidade - uma única idosa que lembra um pouco do Salamãï. Várias pessoas lamentam que não aprenderam a língua Aikanã ou Salamãï como criança. Na T.I. Sagarana as línguas Wariø (família Txapakura) e Português dominam e Salamãï não está sendo falada.

(3) Em geral, as línguas indígenas são somente faladas no círculo familiar ou em encontros entre falantes. Os não-indígenas nas cidades não conseguem identificar quais línguas que são e, se foram informados, não sabem nada com respeito a elas. O Português funciona como língua franca enquanto as línguas indígenas têm a capacidade de funcionar como línguas segredas. Porém, o Salamãï não está sendo usado.

Com respeito a interferência entre as línguas em contato envolvendo Salamã, existem algumas observações limitadas em Becker-Donner (1955).

## Módulo 6

# Avaliação da vitalidade linguística, revitalização e promoção

Este módulo do formulário consolida o diagnóstico da vitalidade linguística e das ações existentes e futuras de valorização e promoção da língua.

## 1. Ações de revitalização e promoção

Nos campos a seguir, identifique e caracterize ações de valorização e promoção da língua de referência já existentes e outras indicadas pela comunidade como demandas (consultar Parte 2, seção 9, para maiores orientações sobre o tema).

### 1.1 Identificação e caracterização de ações de revitalização e promoção

- Identifique e caracterize as principais ações de valorização e promoção que a língua possui atualmente

No quadro a seguir, utilizando quantas linhas forem necessárias, identifique as ações de valorização ou promoção nas quais a língua esteja envolvida atualmente ou que tenham ocorrido recentemente. Para tal, denomine a ação (como encontro de falantes; oficinas para elaboração de material didático; etc); os atores envolvidos, ou seja, quem participa dessas ações, como professores; agentes de saúde; etc; as atividades desempenhadas e demais observações pertinentes a essas ações.

Denominação da ação	Atores envolvidos	Atividades desempenhadas	Observações

### 1.2 Propostas da comunidade para a salvaguarda da língua

- Identifique, em quantas linhas forem necessárias, as propostas da comunidade para a salvaguarda da língua, explicitando para cada uma delas a sua justificativa, seu nível relativo de prioridade em relação às demais demandas, as ações necessárias esperadas, os atores potenciais (quem seria mobilizado para tal iniciativa), as pessoas ou instituições a quem devem ser encaminhadas as demandas e demais observações pertinentes.

[*Obs. HV: não há propostas concretas.*]

Propostas	Justificativa	Prioridade	Ações necessárias	Pessoas ou instituições a serem encaminhadas as demandas	Observações
Documentar língua e	Conhecimento especial das	[ X ] Alto [ ] Médio	Documentação e análise	Museu Goeldi	Após de um projeto de

cultura.	línguas e culturas tradicionais está desaparecendo.	[ ] Baixo	científica de língua e cultura. Disponibilizar os resultados ao povo Aikanã.		documentação, pesquisadores do Museu Goeldi estão agora trabalhando num projeto que visa a disponibilização dos resultados numa forma acessível.
----------	---	-----------	--	--	--

## 2. Vitalidade linguística

A classificação das línguas na escala de vitalidade linguística deve seguir três passos básicos: 1. A determinação do índice de GRAU DE TRANSMISSÃO e DINÂMICA DOS USOS SOCIAIS DA LÍNGUA, critérios respectivamente primário e secundário; 2. A percepção da relevância dos critérios adicionais; 3. A indução do grau de vitalidade da língua com base numa interpretação dos critérios acima, bem como de demais fatores diagnosticados que possam ajudar a traçar um quadro prospectivo do futuro da língua. A combinação dos critérios primário e secundário definem a priori certas possibilidades de classificação das línguas, mas não são critérios absolutos. Conforme se vê na tabela a seguir, alguns graus são idênticos com relação aos critérios primário e secundário. Cabe às equipes executoras dos inventários interpretar os critérios adicionais para decidir o grau (mais ou menos) preciso em que a língua se encontra (consultar Parte 2, seção 10, para maiores orientações sobre os níveis e critérios de classificação das línguas).

### 2.1 Grau de vitalidade da língua

Selecione a alternativa adequada para aferir o grau de vitalidade da língua de referência. Utilize a tabela a seguir para essa seleção.

<input type="checkbox"/> 6 Forte
<input type="checkbox"/> 5 Vulnerável
<input type="checkbox"/> 4 Ameaçada
<input checked="" type="checkbox"/> 3 Severamente Ameaçada
<input type="checkbox"/> 2 Desaparecendo
<input checked="" type="checkbox"/> 1 Adormecida
<input type="checkbox"/> 0 Extinta

GRAU DE VITALIDADE	CORRELAÇÃO ENTRE OS CRITÉRIOS		
	TRANSMISSÃO DA LÍNGUA	DINÂMICA DOS USOS SOCIAIS DA LÍNGUA	ADICIONAIS
<b>6-Forte</b>	ESTÁVEL	EM EXPANSÃO	a) Tamanho populacional para falantes nativos e potenciais b) Graus de atitude c) Situação escolar d) Qualidade e Quantidade de Documentação sobre a língua e) Falantes de Referência <i>outros...</i>
<b>5-Vulnerável</b>	ESTÁVEL	ESTÁVEL	
<b>4-Ameaçada</b>	EM CRISE OU EM RETOMADA DE CRESCIMENTO	EM RETRAÇÃO	
<b>3-Severamente Ameaçada</b>	EM CRISE OU EM RETOMADA DE CRESCIMENTO	EM RETRAÇÃO	
	INTERROMPIDA	RESTRITO	
<b>2-Desaparecendo</b>	INTERROMPIDA	RESTRITO	
<b>1-Adormecida</b>	INTERROMPIDA	INTERROMPIDO	Há falantes potenciais em um bom número
<b>0-Extinta</b>	INTERROMPIDA	INTERROMPIDO	Não há falantes potenciais

## 2.2 Fatores a que se atribui o atual estado de vitalidade da língua

Descreva em um breve texto analítico os principais fatores a que se atribui o atual estado de vitalidade da língua.

A língua Salamã está sendo lembrado por duas senhoras idosas, Dona Peridalva na T.I. Tubarão-Latundê e Dona Maria na cidade de Porto Velho. Essas senhoras não mais têm usado a língua desde sua mocidade, aos 15 anos, aproximadamente. É provável que Dona Maria continuou falar a língua com alguns falantes que estavam ainda em vivo nos anos 1950, quando a antropóloga Becker-Donner visitou a P.I. Ricardo Franco, e depois no seringal Ribeirão e na antiga DEMA, onde um dos líderes antigos dos Salamã, o Telemaco (informante da Wanda Hanke), faleceu em 1991 (Dequech 1993). A Dona Peridalva parou de falar a língua quando deixou a sua comunidade e começou trabalhar para os neo-brasileiros nos seringais no alto rio Pimenta Bueno e Corumbiara. A Dona Peridalva lembra menos da língua que a Dona Maria.

## Referências bibliográficas usadas nos textos deste levantamento

*Observação:* Esta lista não inclui os recursos documentais listados em Módulo 4.7.

- ANÔNIMO. 1916 [2003]. *Missão Rondon*: apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Matto-Grosso ao Amazonas, sob a direção do coronel de engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, de 1907 a 1915. Publicados em artigos no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro em 1915. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C.
- ANÔNIMO. 2003 [1916]. *Missão Rondon*: apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas, sob a direção do coronel de engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, de 1907 a 1915. Publicados em artigos no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro em 1915. [Re-edição em ortografia modernizada 2003. *Edições do Senado Federal* 8. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicação.] <<http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/1077>>
- COMUNIDADE AIKANÃ, WILLEM DOELMAN & HEIN VAN DER VOORT. 2010. *Mapa etno-histórico dos Aikanã*. Amsterdam: avulso.
- DEQUECH, VICTOR. 1988-1993. A expedição Urucumacuan, Notas do Diário de Viagem 1941-1943. *Alto Madeira*, 3 & 4 julho 1988, 2:1-4; 11 & 12 dezembro 1988, 3:1-4; 30 & 31 maio 1993, 3:1-4; 10 & 11 junho 1993, 3:1-6.
- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. 1948. Tribes of the right bank of the Guaporé river. *Handbook of South American Indians* 3, Julian H. Steward (Org.), 370-379. Washington DC: Smithsonian Institution.
- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. 1955. *Tristes tropiques*. Paris: Librairie Plon.
- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. 1994. *Saudades do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RONDON, CÂNDIDO MARIANO DA SILVA & JOÃO BARBOSA DE FARIA. 1948. *Glossário Geral das tribos silvícolas de Mato Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil*. Tomo I, Publicação no. 76 da Comissão Rondon, Anexo no 5 - Etnografia. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Conselho Nacional de Proteção aos Índios.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). 2018. Terras Indígenas no Brasil. <<https://terrasindigenas.org.br/>>
- MALDI, DENISE. 1991. O Complexo Cultural do Marico: sociedades Indígenas dos Rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do Médio Guaporé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Antropologia)*, 7(2): 209-269.
- SILVA, ELENICE DURAN. 2016. Afirmção identitária, ressignificação territorial e multiterritorialidade urbana das famílias Cassupá/Salamã residentes em Porto Velho/RO. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho.
- VOORT, HEIN VAN DER. 2004. *A grammar of Kwaza*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter.
- VOORT, HEIN VAN DER. 2008. Claude Lévi-Strauss møde med Kwazá-indianere i 1938 og sprogvidenskabens betydning for samfundet". In: *Jordens Folk*, 43 (3): 34-43.